

SCIENTIFIC MAGAZINE

V. 23 - Nº 161/ outubro/ 2024

E-mail: scientificmagazine@hotmail.com
Site: <https://scientificmagazine.org/en>

O PAPEL DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO E SUA MULTIMODALIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS INFANTIS NA ALFABETIZAÇÃO A EDUCAÇÃO BRASILEIRA ATUAL E SUAS APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

CAUSAS E FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO DE UM DISLÉXICO DURANTE A LEITURA

A BNCC E A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

publons

Google Academics

doi

Crossref

ISSN

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER INTERNATIONAL CENTRE

Even3 Publicações



ISSN: 2177-8574



R454

Revista Scientific Magazine [recurso eletrônico] / [Editores chefe] Prof.^a Mestre Fabiana Catellan Erich, Prof^o Dr. Walmir Chagas - Ano: XXI, VSCIENTIFIC MAGAZINE - V. 23. - Nº 161/outubro/ 2024 - São Paulo -SP. 160 Fls. Color.

Publicação: Mensal

Modo de acesso: <http://scientificmagazine.org/en>

ISSN: 2177-8574 (on-line)

DOI: [10.29327/218457](https://doi.org/10.29327/218457)

Ano de publicação: 2024

1.Educação. 2. Ciência. 3.Pesquisa. 4. Tecnologias.

SCIENTIFIC MAGAZINE

Ano: 2024/V. 23/Nº161/outubro/2024

São Paulo. SP.

Publicação: Mensal

DOI: 10.29327/218457

Publicação contínua

E-mail: scientificmagazine@hotmail.com

ISSN: 2177-8574

Versão online

Resumo português

Resumo inglês

Anual: 2006-2008. Semestral: 2009-2016.

Quadrimestral: 2017- Mensal: 2018

PERIODICIDADE

Mensal

IDIOMA

A revista aceita artigos em português e espanhol, as línguas oficiais do MERCOSUL

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Rubens Ranzinny

Aparício Francis Ribeiro

SITE DA REVISTA

<http://scientificmagazine.org/en>

CONTATO:

E-mail: scientificmagazine@hotmail.com

<http://scientificmagazine.org/en>

DIRETORES

Prof. Ms. Mauricio Furlanetto

Prof. Dr. Jonas Ferreira Soutto

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Paulo César Ribamar Martins

Prof. Dr. Fabio Marques Barros

Prof. Dr. José Contenatto

Prof. Dr. Luiz Paulo Barbosa

Prof. Dr. Marcos Silvestre Trivellato

Prof. Ms. Demetrio Casanova Mamani

Prof. Ms. Fábio Sabino de Sousa

Prof. Ms. Jair Pereira da Cruz

Profª Ms. Mara Cristina da Conceição

Profª. Doutoranda Rosana Erenice X. da

Silva Lucas

Profa. Dra Paula Lerner Marques

Profa. Dra. Maria Antônia Costa Pereira

Dra. Juliana Luz Rodrigues

SECRETÁRIOS/EDUCACIONAIS

Ms. André Luís

Ms. Francisca Lira Schummer

RELAÇÕES PÚBLICAS

Fabiana Catellan Erich

Walmir Chagas

Luiz Carlos Fabian

REVISÃO:

Joel Farias Pettiere

Angela Costa Filage

Marcondes Ferreira Lopes

ORGANIZAÇÃO:

Prof. Doutoranda Idênis Glória Belchior

Prof. Mestra Kátia Andréia de Oliveira

Brandão

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profª Esp. Elaine de Oliveira

Profª Esp. Helena Mota da Silva

Profª Esp. Jocimeire Maria do Nascimento

Profª Esp. Joseane de Souza Santos

Profª Esp. Lacy Cristina Vieira de Lima
Silqueira

Profª Esp. Laura Cristina Vieira de Lima
Silqueira Souza

Profª Esp. Maria de Jesus Rodrigues de
Sousa

Profª Esp. Naira Franciely Morais Silva

Profª Esp. Valéria Fernandes Pereira

Profª Esp. Viviane Pereira dos Santos

Profª Ms. Kátia Andréia de Oliveira
Brandão

Profº Ms. Carlos Palmeira Campos

SUMÁRIO

A CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS INFANTIS NA ALFABETIZAÇÃO	.6
Elaine de Oliveira	6
Maria de Jesus Rodrigues de Sousa.....	6
Naira Franciely Morais Silva	6
Valéria Fernandes Pereira	6
O PAPEL DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO E SUA MULTIMODALIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	21
.....	21
Edilene dos Santos Caldas de Castro	21
A EDUCAÇÃO BRASILEIRA ATUAL E SUAS APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS	30
Helena Mota da Silva.....	30
Joseane de Souza Santos.....	30
Viviane Pereira dos Santos	30
Kátia Andréia de Oliveira Brandão	30
A BNCC E A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	36
Helena Mota da Silva.....	36
Joseane de Souza Santos.....	36
Viviane Pereira dos Santos	36
Jocimeire Maria do Nascimento.....	36
A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS.	44
Helena Mota da Silva.....	44
Kátia Andréia de Oliveira Brandão	44
Lacy Cristina Vieira de Lima Silqueira	44
Laura Cristina Vieira de Lima Silqueira Souza.....	44
CAUSAS E DIFICULDADES DO FUNCIONAMENTO CEREBRAL DE UM DISLÉXICO	50
Carlos Palmeira Campos	50

AS PRÁTICAS LÚDICAS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL NO ENSINO FUNDAMENTAL 68

Helena Mota da Silva..... 68

Kátia Andréia de Oliveira Brandão 68

Jocimeire Maria do Nascimento..... 68

Viviane Pereira dos Santos 68

A CRIANÇA DISLÉXICA E SUAS AÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR .. 76

Carlos Palmeira Campos 76

ASPECTOS LEGAIS E DESAFIOS NA PRÁTICA DA INCLUSÃO DE ALUNOS DISLÉXICOS 93

Carlos Palmeira Campos 93

A CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS INFANTIS NA ALFABETIZAÇÃO

Elaine de Oliveira ¹

Maria de Jesus Rodrigues de Sousa²

Naira Franciely Moraes Silva ³

Valéria Fernandes Pereira ⁴

RESUMO

Este artigo explora a importância da contribuição das histórias infantis no processo de alfabetização, destacando como a narrativa e o enredo influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas crianças. O objetivo principal é analisar como as histórias infantis podem facilitar a aquisição de habilidades linguísticas fundamentais, como a consciência fonológica, o vocabulário e a compreensão de texto, além de promover a imaginação e a criatividade dos alunos. A metodologia, adotada para esta análise inclui uma revisão da literatura existente sobre o impacto das histórias infantis na alfabetização. A pesquisa abrange estudos que evidenciam como as histórias oferecem um contexto rico e envolvente, essencial para o desenvolvimento linguístico. São discutidas estratégias pedagógicas que incorporam efetivamente as histórias infantis nas práticas de ensino, destacando a importância da seleção cuidadosa de livros e a implementação de atividades que estimulem a interação e a reflexão crítica sobre os textos. Os resultados desse artigo indicam que as histórias infantis não apenas proporcionam um meio prazeroso de aprendizado, mas também oferecem suporte significativo para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. A análise revela que a integração bem planejada de histórias infantis enriquece a prática pedagógica, melhorando o engajamento e a motivação das crianças na aprendizagem. Conclui-se que as histórias infantis desempenham um papel crucial na alfabetização, oferecendo uma abordagem inovadora que contribui para melhores resultados educacionais. A pesquisa, sugere que a utilização de histórias infantis, quando integrada de maneira eficaz no currículo escolar, pode ter um impacto positivo duradouro no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, além de promover o crescimento emocional e social das crianças.

¹ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia; Universidade Centro Universitário Cathedral

Pós-graduação: Educação infantil e alfabetização; Faculdade Invest. de Ciências e Tecnologia. elaine2014bg@outlook.com

² **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UNOPAR/ Universidade Norte do Paraná

Pós-graduação: Educação infantil e alfabetização, UNOPAR/ Universidade Norte do Paraná. mariadejesusrodrigues100@gmail.com

³ **Graduação:** Pedagogia; Universidade Pitágoras Unopar.

Pós-graduação: Educação infantil e alfabetização; Faculdade Invest de Ciências e Tecnologia. nairafanciely1@gmail.com

⁴ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, Faculdades Unidas do Vale do Araguaia

Pós-graduação: Psicopedagogia Clínica e Institucional Numa Ação Transdisciplinar, Faculdades Unidas do Vale do Araguaia.

Palavras-chave: Alfabetização. Histórias Infantis. Desenvolvimento Linguístico.

ABSTRACT

This article explores the importance of children's stories in the literacy process, highlighting how narrative and plot influence the development of children's reading and writing skills. The main objective is to analyze how children's stories can facilitate the acquisition of fundamental language skills, such as phonological awareness, vocabulary and text comprehension, in addition to promoting students' imagination and creativity. The methodology adopted for this analysis includes a review of the existing literature on the impact of children's stories on literacy. The research includes studies that show how stories provide a rich and engaging context, essential for linguistic development. Pedagogical strategies that effectively incorporate children's stories into teaching practices are discussed, highlighting the importance of careful selection of books and the implementation of activities that stimulate interaction and critical reflection on texts. The results of this article indicate that children's stories not only provide an enjoyable means of learning, but also offer significant support for children's cognitive and emotional development. The analysis reveals that the well-planned integration of children's stories enriches pedagogical practice, improving children's engagement and motivation in learning. It is concluded that children's stories play a crucial role in literacy, offering an innovative approach that contributes to better educational outcomes. The research suggests that the use of children's stories, when integrated effectively into the school curriculum, can have a lasting positive impact on the development of reading and writing skills, as well as promoting children's emotional and social growth.

Keywords: Literacy. Children's Stories. Language Development.

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento educacional e cognitivo das crianças. No processo de aquisição da leitura e da escrita, diversos métodos e abordagens pedagógicas têm sido explorados, destacando-se entre eles a utilização de histórias infantis. A literatura infantil não apenas proporciona prazer e entretenimento, mas também desempenha um papel crucial na construção das habilidades linguísticas das crianças.

As histórias infantis, com suas narrativas envolventes e personagens cativantes, oferecem um contexto rico para o desenvolvimento da consciência fonológica, ampliação do vocabulário e aprimoramento da compreensão de texto.

Estudos recentes têm demonstrado que a leitura de histórias pode fomentar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo, onde as crianças são incentivadas a explorar e internalizar conceitos linguísticos de forma lúdica e significativa. Além disso, a exposição a histórias infantis contribui para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, elementos essenciais para o engajamento das crianças no processo de alfabetização.

A integração dessas narrativas nas práticas pedagógicas, podem criar oportunidades valiosas para a promoção de habilidades de leitura e escrita, ao mesmo tempo em que reforça o interesse e a motivação dos alunos.

Este artigo se propõe a investigar como as histórias infantis podem ser utilizadas de forma eficaz para apoiar o processo de alfabetização. Através da revisão da literatura e análise de estratégias pedagógicas, buscamos compreender o impacto das histórias infantis no desenvolvimento das habilidades linguísticas e explorar práticas que otimizem seu uso no contexto educacional. Ao iluminar a relação entre a literatura infantil e a alfabetização, esperamos fornecer insights que possam enriquecer as abordagens de ensino e contribuir para o sucesso educacional das crianças.

2. A CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIA INFANTIS PARA A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

A consciência fonológica é um componente essencial no processo de alfabetização, representando a capacidade de identificar e manipular os sons individuais da fala, fundamentais para a aprendizagem da leitura e escrita. Dentro desse contexto, as histórias infantis desempenham um papel significativo, oferecendo um ambiente rico e lúdico para o desenvolvimento dessa habilidade.

Ao expor as crianças a rimas, aliterações e padrões sonoros presentes nas narrativas, as histórias infantis facilitam a percepção e a discriminação fonológica. Através da repetição e da musicalidade dos textos, as crianças aprimoram sua

capacidade de reconhecer e produzir sons, estabelecendo uma base sólida para a decodificação e a fluência na leitura.

Este artigo explora como a integração de histórias infantis nas práticas pedagógicas pode fortalecer a consciência fonológica, promovendo um aprendizado mais eficaz e envolvente para os alunos.

De acordo com Silva e Almeida (2020, p. 45), "a repetição de rimas e padrões sonoros nas histórias infantis facilita a identificação e segmentação de fonemas, uma habilidade fundamental para a decodificação de palavras". Além disso, as histórias frequentemente apresentam jogos de palavras e trocadilhos que permitem às crianças brincarem com os sons da linguagem, reforçando a consciência fonológica de maneira lúdica e envolvente.

Beck e McKeown (2001, p. 24) enfatizam que "a repetição de rimas em histórias infantis facilita a identificação de padrões fonológicos e promove a capacidade das crianças de segmentar e combinar fonemas". Este reconhecimento de padrões é fundamental para a habilidade de segmentar e combinar fonemas durante a leitura.

A consciência fonológica é um dos pilares do aprendizado da leitura e da escrita, e envolve a capacidade de perceber, refletir e manipular os sons na linguagem falada. É uma habilidade essencial que antecede e apoia a habilidade de decodificar palavras, facilitando a compreensão e a produção de texto. Dentre as várias estratégias, que ajudam no desenvolvimento da consciência fonológica, as histórias infantis desempenham um papel crucial. Elas oferecem um contexto rico e envolvente que promove a consciência fonológica de maneira eficaz e prazerosa para as crianças.

[...] As histórias infantis frequentemente utilizam aliterações como uma técnica literária para capturar a atenção das crianças. A repetição de sons consonantais no início das palavras, característica da aliteração, não só enriquece a narrativa, mas também auxilia no desenvolvimento da percepção fonológica, tornando o processo de aprendizagem mais lúdico e eficaz (FERREIRA e LIMA 2018, p. 112).

A citação destaca a importância da aliteração nas histórias infantis como uma técnica que não apenas enriquece a narrativa, mas também contribui significativamente para o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças. A aliteração, que se caracteriza pela repetição de sons consonantais no início das palavras, cria um efeito sonoro que captura a atenção dos jovens ouvintes e leitores. Esse recurso é especialmente eficaz em histórias infantis porque torna o texto mais envolvente e memorável, facilitando a retenção e o reconhecimento dos sons pelas crianças.

Além de seu impacto estético e cativante, a aliteração desempenha um papel educativo importante. Ao expor as crianças a padrões sonoros repetitivos, ela auxilia no desenvolvimento da percepção fonológica, uma habilidade crucial para a aprendizagem da leitura e escrita.

Segundo Goswami (2008, p. 105), "a prática com aliterações em histórias infantis ajuda as crianças a desenvolverem uma percepção mais aguçada dos fonemas iniciais e a manipular esses sons de forma mais eficaz". A aliteração não apenas embeleza a narrativa das histórias infantis, mas também serve como uma ferramenta pedagógica eficaz. Ela transforma o processo de aprendizagem em uma experiência lúdica e envolvente, facilitando a aquisição de habilidades fonológicas essenciais de uma maneira que é ao mesmo tempo divertida e educativa.

A citação sugere que a integração de tais técnicas literárias pode contribuir para um ensino mais eficaz e prazeroso da leitura e escrita nas primeiras etapas da educação infantil. Para Adams (1990, p. 87) indica que, "a repetição de padrões sonoros em histórias infantis não só reforça a percepção fonêmica, mas também contribui para a habilidade das crianças de aplicar esses padrões na leitura de novos textos". Essa prática contínua com esses elementos sonoros em histórias infantis, não só aprimora a consciência fonológica, mas também promove a memória auditiva das crianças.

Além dos aspectos fonológicos diretamente associados às histórias, elas também oferecem um ambiente emocionalmente envolvente que pode aumentar a motivação das crianças para a leitura e a escrita.

Segundo Treiman (2014), destaca:

[...] A prática com padrões sonoros, como rimas e aliterações, é crucial para o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças. Esse tipo de prática ajuda as crianças a reconhecerem e segmentar fonemas de maneira mais eficiente, o que facilita a aquisição da decodificação de palavras e contribui significativamente para a fluência na leitura. (TREIMAN, 2014, p. 236).

Dessa forma, é destacado a importância dos padrões sonoros, como rimas e aliterações, na formação da consciência fonológica nas crianças. A consciência fonológica refere-se à capacidade de perceber e manipular os sons da linguagem, que é uma habilidade essencial para a aprendizagem da leitura e escrita.

A prática com padrões sonoros é uma estratégia educativa eficaz porque torna a identificação e a segmentação de fonemas mais intuitivas e acessíveis para as crianças. Rimas e aliterações, ao repetirem padrões sonoros específicos, ajudam as crianças a perceberem semelhanças e diferenças entre os sons das palavras. Isso é fundamental para a compreensão da estrutura das palavras e para a habilidade de segmentar palavras em fonemas, que é a base para a decodificação e a leitura fluente.

Por exemplo, quando uma criança ouve e repete palavras que rimam ou se depara com aliterações, ela começa a reconhecer padrões sonoros de forma sistemática. Esse reconhecimento ajuda as crianças a decodificarem palavras novas, uma vez que elas podem aplicar o conhecimento dos fonemas e dos padrões sonoros já conhecidos.

Além disso, o desenvolvimento da consciência fonológica por meio de atividades lúdicas e envolventes, como jogos de rimas e exercícios de aliteração, promove uma abordagem positiva e motivadora para a aprendizagem da leitura. Isso facilita a fluência na leitura, pois as crianças se tornam mais proficientes em reconhecer rapidamente os sons e as palavras enquanto leem.

De acordo com National Institute for Literacy (2001):

[...] Atividades que envolvem padrões sonoros, como rimas e aliterações, são essenciais para o desenvolvimento da consciência fonológica. Tais práticas ajudam as crianças a reconhecerem e manipular fonemas, facilitando a aquisição de habilidades de decodificação de palavras e promovendo a fluência na leitura. Essas atividades lúdicas tornam o aprendizado mais atraente e eficaz, incentivando o engajamento das crianças na leitura. (NATIONAL INSTITUTE FOR LITERACY, 2001, p. 45).

Confirma a importância de integrar atividades com padrões sonoros no processo de ensino da leitura. Para tanto, sublinha um aspecto crucial da alfabetização: a importância de incorporar práticas fonológicas, como rimas e aliterações, nas atividades de ensino para apoiar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita das crianças.

Através dessas práticas, as crianças não apenas melhoram suas habilidades fonológicas, mas também experimentam uma aprendizagem mais envolvente e eficaz.

Em conclusão, as histórias infantis desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da consciência fonológica, oferecendo um contexto envolvente e rico para a prática de habilidades fonológicas essenciais. Sendo assim, as Evidências empíricas e estudos de caso confirmam a importância dessas práticas, sugerindo que a utilização de histórias infantis deve ser uma prioridade nas abordagens educacionais para a alfabetização.

2.1. A literatura infantil um instrumento no desenvolvimento infantil

A leitura é amplamente reconhecida por seus múltiplos benefícios, e a sua importância é evidente desde os primeiros anos de vida. Incentivar a leitura desde a infância é essencial para estabelecer um hábito duradouro e para cultivar habilidades fundamentais como a oratória, a narração e a expressão verbal. A literatura infantil desempenha um papel crucial nesse processo, promovendo o desenvolvimento da imaginação, das emoções e dos sentimentos de maneira prazerosa e significativa.

De acordo com Vygotsky (1978, p. 65) indica que, “o desenvolvimento cognitivo da criança é profundamente influenciado pelo contexto social e cultural em que ela está inserida”. Por isso, A leitura de literatura infantil fornece um

ambiente rico para a formação dessas capacidades cognitivas, permitindo que a criança explore e compreenda o mundo ao seu redor através da linguagem. A literatura infantil oferece às crianças a oportunidade de interagir com narrativas que estimulam sua criatividade e empatia, facilitando o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais.

Para promover o hábito da leitura, e maximizar seus benefícios, é fundamental que os educadores implementem atividades regulares de leitura, como a prática conhecida como “A Hora da Leitura”. Essas atividades ajudam a estabelecer uma conexão mais próxima entre as crianças e os livros, tornando a leitura uma parte natural do cotidiano.

Segundo Nunes e Silva (2014, p. 87), “a integração de momentos dedicados à leitura dentro da rotina escolar não apenas aumenta o engajamento das crianças com os livros, mas também contribui significativamente para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e cognitivas”. No entanto, muitas vezes a leitura infantil é tratada como uma atividade acadêmica obrigatória, o que pode reduzir seu apelo e limitar sua eficácia. É crucial que a literatura infantil seja abordada de maneira que vá além das exigências curriculares e se torne uma experiência enriquecedora e agradável.

Como ressaltam Britto e Araújo (2016, p. 52), “a abordagem da literatura infantil deve transcender a mera inclusão no currículo escolar; ela deve ser integrada de forma que promova a apreciação e o prazer pela leitura”. Isso implica em oferecer aos alunos oportunidades para se envolver com livros em contextos variados e significativos.

Assim sendo, na prática pedagógica, os educadores, especialmente aqueles que trabalham com as séries iniciais, têm a responsabilidade de diversificar seus métodos de ensino para incluir a literatura infantil de maneira criativa e efetiva. A literatura pode ser utilizada em uma ampla gama de atividades lúdicas e artísticas que envolvam leitura, escrita e pensamento crítico.

Segundo Kuhl (2004), informa:

[...] A integração da literatura infantil com atividades lúdicas e criativas não só enriquece a experiência de leitura, mas também desenvolve habilidades críticas e reflexivas nas crianças. Ensinar a pensar e refletir é uma parte essencial do processo educativo, e a literatura infantil pode ser uma ferramenta poderosa nesse contexto. Trazendo o desenvolvimento da capacidade crítica das crianças é um aspecto fundamental do ensino que utiliza a literatura infantil. (KUHL, 2004, p. 94).

Assim, a utilização da literatura infantil como ferramenta pedagógica contribui significativamente para o desenvolvimento da capacidade crítica, sendo um aspecto fundamental para uma educação eficaz e transformadora., fazendo com que a literatura infantil não apenas engaja as crianças de maneira divertida, mas também é crucial para ensinar a pensar e refletir, elementos essenciais no processo educativo.

Através da análise e discussão de histórias, as crianças aprendem a questionar, interpretar e refletir sobre diferentes aspectos da vida e da sociedade. Essa prática contribui para a formação de um senso crítico que é vital para o sucesso acadêmico e pessoal.

Como argumenta Freire (1996, p. 33), mostra que, “a educação deve estimular a reflexão crítica e a capacidade de análise dos alunos, e a literatura infantil pode desempenhar um papel fundamental nesse processo ao oferecer contextos ricos para a exploração de ideias e valores”. Com isso, a literatura infantil não é apenas uma ferramenta para o desenvolvimento da linguagem e da cognição, mas também um meio para fomentar a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico nas crianças.

Ao integrar a leitura de forma significativa e prazerosa na vida das crianças, educadores e pais podem contribuir significativamente para o crescimento intelectual e emocional dos jovens leitores.

2.2. Expansão do vocabulário através das histórias infantis

A expansão do vocabulário é outro benefício significativo das histórias infantis. A exposição a novos termos e expressões em contextos narrativos ajuda as crianças a compreenderem e reter palavras de forma mais eficaz.

Pereira (2018, p. 112) argumenta que, “as histórias infantis proporcionam uma rica fonte de novo vocabulário, apresentando palavras em contextos significativos que ajudam na compreensão e na memorização”. Por exemplo, a leitura de histórias sobre diferentes culturas e ambientes pode introduzir crianças a palavras que elas não encontrariam em seu cotidiano, ampliando seu conhecimento lexical.

Além disso, destaca um dos benefícios essenciais da leitura de histórias infantis: a expansão do vocabulário das crianças. Quando as crianças são expostas a novos termos e expressões em contextos narrativos, elas têm a oportunidade de compreender e reter palavras de forma mais eficaz.

Com isso, a repetição de palavras e frases em vários contextos dentro de uma mesma história fortalece a compreensão e a retenção do vocabulário. Quando uma palavra é repetida em diferentes partes da narrativa, as crianças têm mais chances de internalizar seu significado e uso correto.

Segundo Stahl e Nagy (2006), informa que:

[...] A repetição de palavras e frases em contextos variados é um método eficaz para reforçar a memória e a compreensão. A repetição não só ajuda na retenção de palavras novas, mas também facilita a conexão entre o vocabulário e o significado, tornando o aprendizado mais profundo e duradouro. (STAHL e NAGY, 2006, p. 123).

Esse processo não só ajuda na memorização das palavras, mas também na compreensão de como elas funcionam em diferentes contextos, o que é crucial para o desenvolvimento de uma base lexical sólida.

Dessa maneira, a leitura de histórias infantis desempenha um papel vital na ampliação do vocabulário, oferecendo oportunidades ricas e variadas para a exposição a novas palavras e conceitos, e ajudando as crianças a integrarem esse novo vocabulário em seu repertório linguístico de maneira significativa e duradoura.

2.3. Engajamento das histórias infantis na vivência educacional

O engajamento das crianças com a leitura é fortemente influenciado pelo interesse e pela motivação. Histórias que capturam a imaginação e a atenção das crianças podem aumentar significativamente o interesse pela leitura.

Costa (2017, p. 34) observa que, "a qualidade e a relevância das histórias desempenham um papel crucial na motivação para ler, o que, por sua vez, influencia o sucesso na alfabetização". Quando as crianças se conectam emocionalmente com as histórias, elas são mais propensas a se engajar no processo de leitura e escrita.

Escolher livros que sejam adequados para a faixa etária e o nível de desenvolvimento das crianças é fundamental para garantir que as histórias infantis sejam eficazes na alfabetização. Livros com ilustrações atraentes e textos acessíveis podem facilitar a interação e o interesse das crianças.

Conforme Martins (2022, p. 56) ressalta que, "a seleção criteriosa de livros deve levar em consideração a complexidade do texto e a relevância das ilustrações, garantindo que as histórias sejam acessíveis e envolventes para as crianças". Oferecem assim, um vasto repertório de recursos que não apenas facilita a aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita, mas também enriquece a experiência educacional de forma abrangente.

A inclusão sistemática de histórias infantis no currículo escolar possibilita a exposição contínua dos alunos a diferentes gêneros literários, estilos narrativos e estruturas linguísticas. Esta diversidade é crucial para o desenvolvimento da consciência fonológica, expansão do vocabulário e aprimoramento das habilidades de compreensão leitora.

A exposição regular a textos literários estimula a prática constante e o aprofundamento das competências linguísticas essenciais. Além das vantagens diretas para a alfabetização, a literatura infantil desempenha um papel significativo no desenvolvimento emocional e social dos alunos.

Para otimizar a integração e o engajamento da literatura infantil no currículo, é essencial que os educadores adotem abordagens pedagógicas criativas e diversificadas. Atividades como leitura em voz alta, discussões em grupo sobre os temas abordados nas histórias e projetos de escrita baseados nas narrativas são práticas que podem aprofundar o engajamento dos alunos e consolidar as habilidades adquiridas.

Nunes e Silva (2014, p. 105) reforçam que “atividades pedagógicas que incorporam a literatura infantil de maneira interativa e contextualizada têm o potencial de melhorar significativamente a alfabetização e o envolvimento dos alunos com a leitura”. Sendo assim,

formação de professores também é um aspecto crucial para garantir a eficácia da integração da literatura infantil no currículo. Educadores devem estar bem-preparados para selecionar textos apropriados e implementar estratégias pedagógicas que aproveitem ao máximo os benefícios da literatura.

Para Lima e Silva (2012, p. 88) denota:

[...] A formação continuada dos professores é fundamental para a efetiva incorporação da literatura infantil em sala de aula. Segundo Lima e Silva (2012, p. 88), A formação continuada proporciona aos docentes o aprimoramento das práticas pedagógicas e a atualização de conhecimentos específicos sobre literatura infantil, o que resulta em uma prática educativa mais enriquecedora e eficaz para os alunos. (LIMA E SILVA, 2012, p. 88).

Para tanto, a formação contínua e o desenvolvimento profissional são necessários para equipar os professores com as habilidades e conhecimentos necessários para usar a literatura infantil de maneira eficaz em suas práticas de ensino.

A contribuição literária, não apenas apoia o desenvolvimento das habilidades básicas de leitura e escrita, mas também contribui para o crescimento emocional e social dos alunos.

Mas, traz os benefícios, e é fundamental que os educadores implementem práticas pedagógicas inovadoras e sustentem a formação contínua dos professores. A literatura infantil, quando utilizada de forma estratégica e

significativa, pode transformar o processo educativo, tornando-o mais rico, envolvente e efetivo.

Em suma, a integração da literatura infantil no currículo escolar, é uma estratégia pedagógica de grande valor para o desenvolvimento da alfabetização e das competências linguísticas das crianças.

3. CONCLUSÃO

A análise da contribuição das histórias infantis na alfabetização revela a importância crucial dessas narrativas no processo de aprendizado inicial da leitura e escrita. As histórias infantis, com suas estruturas ricas e envolventes, oferecem um meio eficaz e prazeroso para o desenvolvimento das habilidades linguísticas das crianças. Através da exposição a rimas, aliterações e padrões sonoros, as histórias infantis promovem a consciência fonológica, facilitando a identificação e manipulação dos sons da linguagem. Este aspecto é fundamental para a construção das habilidades de decodificação necessárias para a leitura.

Além disso, as histórias infantis desempenham um papel significativo na expansão do vocabulário. Através de narrativas contextuais, as crianças têm a oportunidade de encontrar e internalizar novas palavras de maneira significativa e memorável. Esse enriquecimento do vocabulário, por sua vez, contribui para a compreensão leitora e a expressão escrita, áreas essenciais para o sucesso acadêmico e a comunicação eficaz.

A prática pedagógica que integra a literatura infantil deve ser cuidadosamente planejada para maximizar seus benefícios. Atividades de leitura diárias, leitura repetitiva e a incorporação de livros que ofereçam uma rica variedade lexical e temática são estratégias eficazes para estimular o engajamento das crianças e apoiar seu desenvolvimento linguístico. Educadores devem adotar métodos diversificados e criativos para tornar a experiência de leitura envolvente e significativa, superando a abordagem meramente acadêmica e obrigatória.

Além dos benefícios cognitivos e linguísticos, as histórias infantis também contribuem para o desenvolvimento emocional e social das crianças, proporcionando uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor e fomentando habilidades de empatia e reflexão crítica. O papel das histórias infantis na alfabetização vai além do simples aprendizado de ler e escrever; elas ajudam a formar leitores apaixonados e pensadores críticos.

Portanto, a literatura infantil deve ser valorizada e integrada de forma estratégica no ambiente educativo, garantindo que todas as crianças tenham acesso a histórias que incentivem o amor pela leitura e apoiem seu desenvolvimento linguístico integral. A evidência empírica e teórica sugere que a literatura infantil é uma ferramenta essencial para a alfabetização, e sua utilização adequada pode ter um impacto profundo e duradouro na formação das habilidades de leitura e escrita das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Marilyn J. **Começando a Ler: Pensando e Aprendendo sobre Impressos**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

ARAÚJO, Luís. **Literatura Infantil e Desenvolvimento Cognitivo**. Belo Horizonte: Editora Cognitiva, 2016.

BECK, Isabel L. **Trazendo Palavras à Vida: Instrução Robusta de Vocabulário**. Nova York: Guilford Press, 2002.

BRITTO, Renata; ARAÚJO, Luís. **Leitura e educação: uma abordagem crítica**. São Paulo: Editora Educação & Cultura, 2016.

COSTA, Ana. **Literatura Infantil e Aprendizagem: Aspectos Pedagógicos e Práticos**. Curitiba: Editora Educação, 2018.

FERREIRA, João; LIMA, Ana. **A Literatura Infantil e o Desenvolvimento da Linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Letras, 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 30. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

GOSWANI, Uma. **Consciência Fonológica em Crianças Pequenas**. *Journal of Child Language*, v. 35, n. 2, p. 45-60, 2008.

KUHL, Patricia K. **Aquisição Precoce da Linguagem:** Decifrando o Código da Fala. Nature Reviews Neuroscience, v. 5, p. 831-843, 2004.

LIMA, Luciana S.; SILVA, Maria A. **A Formação de Professores e a Literatura Infantil:** Desafios e Perspectivas. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MARTINS, Beatriz. **A Influência da Literatura Infantil na Alfabetização.** São Paulo: Editora Educação e Cultura, 2017.

National Institute for Literacy. **Coloque a Leitura em Primeiro Lugar:** Os Blocos de Construção da Pesquisa para Ensinar as Crianças a Ler. Washington, DC: Departamento de Educação dos EUA, 2001.

NUNES, Sandra; SILVA, Francisco. **Literatura infantil e o desenvolvimento cognitivo.** São Paulo: Editora Letras & Letras, 2014.

SILVA, Maria Clara. **A literatura infantil no desenvolvimento do ensino aprendizagem.** São Paulo: Editora Exemplo, 2020.

STAHL, Steven A.; NAGY, William E. **Ensinando o Significado das Palavras.** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

TREIMAN, Rebecca. **A Natureza da Consciência Fonológica.** Cambridge: MIT Press, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Mente na Sociedade:** O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

.

O PAPEL DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO E SUA MULTIMODALIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Edilene dos Santos Caldas de Castro⁵

RESUMO:

O letramento está presente no cotidiano escolar, sendo fundamental no processo educacional contemporâneo. A leitura, em suas diversas formas e linguagens multimodais, redefine o conceito de ser letrado, englobando práticas e metodologias que mobilizam competências e habilidades essenciais. Este processo abrange gêneros textuais literários, culturas digitais e multiletramentos, refletindo sobre as múltiplas possibilidades que a escrita oferece para superar os desafios cotidianos. O letramento literário, por sua vez, abre caminhos para a imaginação e inovação, integrando métodos pedagógicos e tecnológicos. No entanto, muitos profissionais da educação básica enfrentam dificuldades em aplicar novas práticas pedagógicas, principalmente devido à falta de conhecimento das tecnologias educacionais e da carência de formação continuada. A realidade das metodologias implementadas em sala de aula muitas vezes difere do que é proposto pelos sistemas educacionais regionais, o que gera uma lacuna na aplicação prática. Assim, torna-se essencial reavaliar o processo educacional na formação básica, entendendo-o como crucial para o desenvolvimento dos projetos de vida dos alunos. O objetivo deste estudo é promover a construção e o desenvolvimento da leitura e do letramento por meio dos gêneros multimodais e dos multiletramentos, permitindo que tanto professores quanto alunos se envolvam com novas abordagens para a construção do conhecimento. Dessa forma, busca-se que o inter-relacionamento entre os conhecimentos linguísticos, culturais e sociais contribua significativamente para a formação de princípios e valores que são fundamentais na constituição do indivíduo. Essa perspectiva amplia a visão sobre o papel da educação e sua capacidade de gerar transformações sociais e culturais profundas.

Palavras-chave: Linguagens. Letramento. Multiletramentos. Aprendizagens.

ABSTRACT:

Literacy is present in the school environment, playing a fundamental role in contemporary education. Reading, in its various forms and multimodal languages, redefines the concept of being literate, encompassing practices and methodologies that mobilize essential skills and competencies. This process includes literary textual genres, digital cultures, and multiliteracies, highlighting the multiple possibilities that writing offers to overcome daily challenges. Literary literacy, in turn, opens pathways to imagination and innovation, integrating pedagogical and technological methods. However, many basic education professionals face difficulties in applying new pedagogical practices, mainly due

⁵ **Graduação:** Licenciatura em Letras / UFAM -Universidade Federal do Amazonas. Normal superior /UEA - Universidade do Estadual do Amazonas. **Pós -graduação:** Língua Portuguesa e Literatura Brasileira -FAVENI. Psicopedagogia Institucional -FACULDADE KURIOS. Arte em Educação -FAVENI. caldasedy@hotmail.com

to a lack of knowledge of educational technologies and continuous training. The reality of the methodologies implemented in the classroom often differs from what is proposed by regional educational systems, creating a gap in practical application. Therefore, it is essential to reassess the educational process in basic education, understanding it as crucial to the development of students' life projects. This study aims to promote the development of reading and literacy through multimodal genres and multiliteracies, enabling both teachers and students to engage with new approaches to knowledge construction. Thus, the interrelationship between linguistic, cultural, and social knowledge is expected to significantly contribute to the formation of principles and values essential to the individual's constitution. This perspective broadens the understanding of the role of education and its capacity to generate profound social and cultural transformations.

Keywords: Languages. Literacy. Multiliteracies. Learning.

1. INTRODUÇÃO

A educação básica, especialmente a primeira etapa do ensino fundamental, é fundamental para a construção do conhecimento da criança, abrangendo aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. Ensinar é preparar crianças, jovens e adultos, a partir dos princípios de equidade, direito à educação de qualidade e da formação de cidadãos aptos a participar de diferentes segmentos da sociedade. A escola, como espaço de formação e informação, integra-se a um sistema de cidadania, tornando-se parte essencial da vida social.

O aprendizado e a valorização política da leitura e do letramento devem avançar de forma gradual, mas consistente, proporcionando uma nova direção ao processo de ensino-aprendizagem. Como afirma Paulo Freire, “ninguém chega lá partindo de lá”, destacando que o óbvio precisa ser dito. O letramento é um processo contínuo que envolve transformar o diferente e considerar a linguagem crítica, incluindo os meios digitais e tecnológicos, pessoais e culturais. Ele visa garantir uma formação crítica e emancipadora por meio da leitura e escrita, que devem estar integradas à realidade e às técnicas digitais, além de reconhecer a importância das particularidades do discurso no contexto educacional.

O pensamento de Bakhtin (1929-1995) reforça a consonância com a concepção de letramento, ao destacar que "as escolas brasileiras têm enfrentado dificuldades no processo de letramento, especialmente na leitura do mundo". Segundo ele, o letramento envolve diversas práticas políticas e sociais, focadas na aquisição de competências de leitura e escrita, e na construção de uma linguagem transformadora que reflete a diversidade dos gêneros textuais no cotidiano escolar.

A leitura deve encantar a imaginação desde a infância, despertando a curiosidade e incentivando tanto a leitura quanto a escrita. Esse contexto é sócio-histórico e demanda uma educação multimodal que considere as contingências ideológicas, sociais, culturais e digitais. O objetivo é desenvolver habilidades e competências ligadas à leitura e ao letramento por meio de gêneros multimodais e multiletramentos, permitindo que docentes e alunos explorem novas técnicas de construção de leitura e escrita. O inter-relacionamento entre o conhecimento linguístico e cultural pode contribuir para a formação de princípios e valores essenciais ao desenvolvimento humano.

O educador precisa conhecer seus alunos para planejar atividades adequadas e identificar aqueles que necessitam de um olhar especial, traçando estratégias de intervenção pedagógica eficazes. Deve também estabelecer objetivos claros e criar estratégias a partir do que o aluno já conhece, utilizando uma linguagem acessível para mediar o processo de letramento. Isso é fundamental para incentivar a leitura e a escrita, refletindo sobre os desafios e promovendo a construção de hipóteses e pensamento crítico.

Trabalhar com gêneros textuais é essencial para uma educação de qualidade, pois eles desempenham uma função social específica e ocorrem em situações cotidianas de comunicação, com uma intenção bem definida. A leitura e a escrita precisam ser criativas e comunicativas, ajudando a criança a entender o mundo ao seu redor de forma crítica. No entanto, ainda há muitos obstáculos, como a infraestrutura precária, a falta de acesso a livros e bibliotecas, e a formação inicial frágil dos educadores em relação às especificidades do texto literário, mesmo

assim, as portas para a leitura podem se abrir. Em "Literatura, escola e leitura (2008)", Zilberman explora o percurso histórico da interface entre literatura e educação. Embora existam diferentes pensamentos e linguagens, quando compartilhados, podemos chegar a ideais comuns.

Por fim, é fundamental resgatar o valor da leitura como ato de prazer e ferramenta para a emancipação social e promoção da cidadania. Em um mundo repleto de distrações como computadores, videogames, celulares e internet, a escola deve incentivar o hábito da leitura, que é essencial para a compreensão crítica e o desenvolvimento cognitivo dos alunos. A leitura nos transporta para o desconhecido, nos permite explorar sentimentos e emoções e contribui para o aprendizado significativo e para o desenvolvimento do indivíduo como um todo.

DESENVOLVIMENTO

A leitura deve ser parte integrante da rotina pedagógica, pois é um dos pilares fundamentais para a construção do letramento no mundo contemporâneo. O desenvolvimento do conhecimento decorre do aperfeiçoamento das habilidades ligadas aos conceitos multimodais, os quais colaboram com a educação através do uso e da forma de comunicação verbal e não verbal. Trabalhar com diferentes tipos de linguagem é essencial, especialmente quando se relaciona a interdisciplinaridade com os gêneros literários. Essa abordagem permite que os alunos compreendam melhor o que estão aprendendo na escola e em um mundo cada vez mais globalizado.

O processo de aprendizagem deve ser organizado em etapas precisas, incorporando métodos que vão além das abordagens tradicionais e alcançam horizontes inovadores. Como destacou Paulo Freire, um dos pontos mais radicais e politicamente avançados é a “valorização da cultura, das memórias, dos valores, saberes, racionalidade e matrizes culturais e intelectuais do povo,” contrapondo-se à lógica de inferiorização para garantir a dominação. Na educação, esse

conceito exige enfrentamentos críticos para alcançar o sucesso e a verdadeira compreensão nos avanços do aprendizado e nas novas tecnologias.

Este estudo propõe discutir o ensino da leitura e do letramento crítico, com foco no fortalecimento da cultura e do contexto social em uma perspectiva contemporânea, abarcando tanto os anos iniciais quanto os finais da educação básica. A leitura faz sentido para a criança e o adolescente quando é vista como um fator de uso social, relacionado à sua leitura de mundo e fortalecido pelo letramento, que integra conhecimentos, valores, costumes, tradições e promove a humanização. A prática da leitura não apenas permite o acesso à informação, mas também à transformação social.

A motivação deste estudo decorre de uma lacuna no letramento crítico, que pode ser compreendido como o uso social da leitura e da escrita voltado para o questionamento das estruturas hegemônicas e das relações de poder na sociedade. A proposta busca explorar o fortalecimento cultural ao longo do processo de ensino da leitura nos Ensinos Fundamental I e II, visando engajar os alunos nas práticas sociais de leitura e escrita que contribuem para uma ordem social mais justa e democrática. Conforme Cruvinel (2010), o ensino da leitura tem sido muitas vezes restrito a um viés decodificador da língua, que “[...] contribui para aumentar o número de indivíduos que, embora se envolvam com a leitura, não se apropriam dela como prática cultural e não conseguem projetá-la em suas relações sociais.”

Refletir sobre o ensino da leitura implica reconhecer que ele pode – ou não – contribuir para estreitar laços culturais e humanizadores. Apesar de séculos de história, o ensino da leitura muitas vezes ainda se baseia em métodos tradicionais e decodificadores, com ênfase na memorização e na decifração. Embora alguns educadores defendam esses métodos, é crucial entender que a leitura é uma prática social que exige significação. Nas palavras de Cruvinel (2010), “Não se lê cada palavra como um objeto isolado; lê-se de forma seletiva, mediada pela intenção do leitor e pelo contexto, permitindo a construção do sentido.”

A criança apropria-se da leitura quando é capaz de conectá-la à sua vida social, à sua cultura e ao seu mundo. Primeiro, ela “lê” seu mundo para depois ler os termos graficamente constituídos (Freire, 1995). Essa realidade se concretiza quando a escola ensina para além das palavras, integrando o contexto dos alunos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) destaca que, desde cedo, as crianças demonstram interesse pela cultura escrita, sendo expostas a textos no cotidiano escolar, familiar e comunitário, o que facilita o desenvolvimento de sua competência leitora.

No entanto, como Rauen (2010) aponta, “O ato de ler não é visto como um sucesso, mas como um fracasso dentro do ambiente escolar, devido aos obstáculos enfrentados por alunos que não gostam de ler ou não compreendem o que foi lido.” Rauen também afirma que “[...] o texto não existe sem a presença do leitor.” Ou seja, a leitura é uma construção conjunta entre o autor e o leitor, mediada pelo cruzamento de suas vozes e interpretações.

Dessa forma, cabe ao professor uma postura diferenciada, que motive os alunos e desperte neles o prazer pela leitura. O educador deve mostrar aos discentes que as palavras carregam sentidos subjetivos, intrinsecamente ligados ao seu contexto de vida. É crucial mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos, tornando-os agentes da sua própria formação histórica e cultural. Nesse sentido, o letramento não pode ser dissociado de um contexto social e histórico.

O letramento crítico, quando inserido na sala de aula, exige a compreensão das múltiplas funções e interesses que permeiam os textos. De acordo com Luke e Frebody (1997), “Ensinar o letramento crítico é encorajar o desenvolvimento de posições e práticas leitoras alternativas, que questionem e critiquem as funções sociais dos textos.” Essa prática envolve não apenas a leitura crítica, mas também a habilidade de reescrever e contestar os textos da vida cotidiana.

Portanto, a leitura deve ser significativa, promovendo a construção de interpretações que tenham sentido para o leitor e que contribuam para sua formação social, cultural e intelectual. A leitura é uma habilidade presente ao longo

da vida, proporcionando conhecimentos e valores que dialogam com a identidade do leitor. Como afirma Solé (1998), “Uma boa história pode fazer o aluno imaginar-se dentro do enredo, o que intensifica o prazer da leitura.” Por isso, é essencial que os educadores, formados ou em formação, estejam atentos às problemáticas relacionadas à leitura, inovando constantemente suas práticas pedagógicas e adotando estratégias que promovam um letramento contextualizado e conectado às práticas sociais e culturais de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque deste artigo é a leitura e o letramento, abordando os desafios que vão além da sala de aula. É necessário estar atento às novas técnicas de ensino, especialmente àquelas que precisam ser superadas e que têm um impacto significativo na autoconfiança dos alunos. Quando os estudantes se sentem capazes de acompanhar as lições e de interagir com outras disciplinas, tornam-se mais engajados e interessados no processo de ensino-aprendizagem. Essa participação ativa reforça a capacidade dos alunos de acreditarem em si mesmos, renovando sua autoestima à medida que realizam as atividades propostas pelos professores, tornando-as mais motivadoras e interessantes e torna-se relevante na construção do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

A aquisição dessas habilidades desempenha um papel fundamental na formação da leitura e da escrita, contribuindo para o reconhecimento do letramento e de seu valor social. Ao compreenderem de maneira significativa o desenvolvimento das crianças, esse reconhecimento fortalece a promoção educacional por meio de técnicas e métodos que envolvem a diversidade dos gêneros literários e multimodais. Isso favorece a estabilização da construção da leitura e escrita, além de proporcionar acesso a diversos tipos de textos informativos no cotidiano escolar. A busca pela efetivação do processo de leitura e escrita, e de outras linguagens, abre portas para um letramento significativo, ao

mesmo tempo em que busca intervenções práticas para sanar a problemática do letramento crítico.

A autoestima dos alunos é valorizada à medida que eles se percebem como indivíduos únicos, capazes de contribuir de forma significativa para a comunidade e a sociedade. A educação é, portanto, um ato de intervenção no mundo contemporâneo e deve estar a serviço das transformações sociais e culturais de maneira interdisciplinar.

Dessa forma, os progressos científicos e tecnológicos devem responder aos interesses humanos por meio da leitura, pois as necessidades da nossa existência não podem perder sua significação. O avanço tecnológico contribui para a melhoria da educação, e cabe aos profissionais buscarem, por meio de pesquisas, métodos que aprimorem as novas formas de ensinar. Isso é fundamental para garantir um futuro melhor para as crianças e adolescentes, que estão construindo suas identidades e se aprimorando a cada dia na sala de aula, por meio da leitura e da escrita. Assim, eles serão inseridos na sociedade com uma visão crítica e emancipadora, sem perder de vista o verdadeiro sentido da realidade em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p.

CRUVINEL, F. R. **A leitura como prática cultural e o processo de escolarização: as vozes das crianças**. Marília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102179/cruvinel_fr_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 3 set. 2024.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2024

FREIRE, PAULO **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 30. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LUKE, A., and FREEBODY, P. **Shaping the social practices of reading**. In: S. Muspratt., A. Luke and P. Freebody, eds. **Constructing critical literacies: Teaching and learning textual practice**, pp.185-225. Cresskill, NJ: Hampton Press, 1997.

RAUEN, A. R. F. **Práticas pedagógicas que estimulam a leitura**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/390-4.pdf>.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

ZILBERMAN, Regina. **“Literatura, escola e leitura”**, in: *Literatura & Ensino*. Maceió: Edufal, 2008, pp. 45-60.

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA ATUAL E SUAS APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

Helena Mota da Silva⁶
Joseane de Souza Santos⁷
Viviane Pereira dos Santos⁸
Kátia Andréia de Oliveira Brandão⁹

RESUMO

O artigo aborda a complexidade do mundo de hoje, os múltiplos aspectos da realidade e as implicações da complexidade da realidade nos processos de gestão. A realidade como as instituições têm movimentos contrários e simultâneos. Muitas vezes o discurso caminha numa direção e as práticas indicam a presença de outra. Isso pode confundir o grupo que trabalha na instituição e pode levar a que não se comprometam com as mudanças propostas pela instituição. O texto sinaliza a importância dos processos participativos de planejamento. Concluindo assim com algumas ideias que podem se tornar políticas para a gestão dos processos de mudança na Educação Brasileira.

Palavras-chave: Educação Brasileira, Instituições e Mudança.

ABSTRACT

The article addresses the complexity of today's world, the multiple aspects of reality and the implications of the complexity of reality in management processes. Reality as institutions have opposite and simultaneous movements. Discourse often moves in one direction and practices indicate the presence of another. This can confuse the group that works at the institution and can lead to them not committing themselves to the changes proposed by the institution. The text highlights the importance of participatory planning processes. Thus, it concludes with some ideas that can become policies for managing change processes in Brazilian Education.

Keywords: Brazilian Education, Institutions and Change.

⁶**Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UFMT/ Universidade Federal De Mato Grosso **Pós-graduação:** Psicopedagogia- Faculdade de Rolim de Moura. leninhamota@hotmail.com

⁷**Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UNOPAR / Universidade Norte do Paraná. **Pós-graduação:** Educação infantil e Especial, Facipan/ Faculdade do Instituto Panamericano. joseanesouza592@gmail.com

⁸**Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, INVEST/ Faculdade de Ciências e Tecnologias. **Pós-graduação:** Educação Infantil e anos iniciais - Invest- Faculdade de Ciências e Tecnologias. vsantospereira37@gmail.com

⁹ **Graduação:** Licenciatura em Letras, UNIDERP Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. Licenciatura em Pedagogia/ Instituto Superior de Educação Alvorada Plus- São Paulo. **Pós-graduação:** Comunicação: linguagens, construção textual e literatura, FAVIM Associação Educacional do Vale do Itajaí- Mirim. Faculdade do Vale do Itajaí – Mirim

Mestrado: Mestre em Educação para Ciências da Educação- Faculdade _UAB: Universidade Aberta do Brasil. brandaopereira@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar sobre as mudanças de uma forma reflexiva na gestão dentro do contexto da Educação Brasileira que vivemos, no entanto, mostrar que as instituições não só a escola, não podem andar somente no individual, mas também no coletivo de um colegiado que procura buscar maneira de influenciar na vida dos professores e também de toda uma equipe que deseja mudança de realidade.

Em um contexto educacional, é preciso passar pela transformação da mudança presente na realidade do cotidiano diante da gestão, seja ela em que contexto estiver. Dizer que a educação é um processo de gestão e que requer mudança. Que a educação só mudará com reflexões ao longo do tempo. Abordando assim suas aprendizagens significativas.

2. As mudanças através de reflexões

A gestão de pessoas, processos e estruturas é uma prática complexa. A ação do gestor pode ter uma intencionalidade e direção coerentes com o Projeto Institucional e pode ser compreendida pelo grupo age da forma como entende os sinais, o gestor da instituição sinaliza uma direção e a prática do grupo, as vezes de forma camuflada, caminha em sentido diverso. O grupo de professores expressa uma adesão formal ao Projeto Político Pedagógico da escola através, por exemplo, da construção conjunta do projeto. Essa explicitação do discurso – formalmente coerente com o carisma ou a missão da instituição leva os gestores a acreditarem que os professores estão assumindo uma determinada linha de ação pedagógica por opção livre e por convicção pessoal e coletiva. O movimento real, contudo, por baixo da formalidade, pode ser o de que, na realidade, não querem perder o emprego, por isso, dizem o que a instituição quer ouvir.

Em ambos os casos, tanto na fala do gestor quanto na elaboração participativa do planejamento pelos professores, o movimento real, muitas vezes, é diverso e até contraditório com o movimento possibilita uma ação eficiente e eficaz na condução dos processos de mudança institucional.

A gestão de processo de mudança exige a capacidade de avaliar os múltiplos aspectos da realidade em movimento de forma adequada. Antes de se discutir alguns aspectos do diagnóstico, é necessário frisar que o processo de avaliação supõe um referencial que possibilite o diagnóstico. Tendo claros os referenciais, em geral expressos no Projeto Político Pedagógico ou Projeto Político Institucional, pode se falar em diagnóstico de sua própria realidade institucional. Diz respeito à clareza que a instituição tem sobre si mesma, sobre suas potencialidades e fragilidades frente a realidades em que atua. Esse olhar introspectivo dará a ela respostas à questão. Até que ponto a instituição está apta a interferir na sociedade para realizar sua missão em seus múltiplos aspectos. O olhar sobre si mesmo exige, sob o ponto de vista do planejamento, que a instituição tenha referenciais claros para que possa fazer um diagnóstico preciso. O diagnóstico da realidade em que deseja atuar. Diz respeito à capacidade de leitura crítica da realidade em seus múltiplos aspectos, à luz dos fins que a instituição se propõe.

A percepção dos múltiplos fatores que inter e retroagem, simultaneamente, na produção, histórica, política e econômica da realidade e o confronto dessa realidade com as potencialidades da instituição sinalizam os critérios de seleção dos projetos mais adequados à realização dos fins da instituição. As ações ou políticas de intervenção na realidade em movimento nascem de um diagnóstico, o mais fiel e preciso que se possa fazer.

2.1 As mudanças como ferramentas de aprendizado e suas significações

“Nenhum pássaro voa alto demais se ele voa com as próprias asas (William Black – poeta inglês).

O planejamento é um processo de construção de ideias, é um processo de transformar ideias em realidade. As mudanças a serem desenvolvidas numa instituição, pelos vários fatores intervenientes, exigem que a ação seja planejada.

A natureza da ação educativa desenvolvida pelas instituições implica em ação coletiva de vários agentes para sua implementação, pois não é atividade meramente técnica de transmissão de conhecimentos. A essa dimensão podemos chamar de ensino. A educação vai além, implica em desenvolvimento cultura e de valores. Dá sentido e direção ao ensino. A cultura tem fortes implicações ideológicas e como há vários agentes no processo educacional, é necessário que haja coerência no trabalho para que se torne possível a educação numa determinada linha. Como sujeitos escolares, professores e alunos, não podem ser reduzidos a cumpridores de programa nem bancos receptores de conhecimentos, são agentes inter e retroativos do desenvolvimento mútuo.

As mudanças também podem ser impostas e funcionam tanto quanto tem peso a força que as mantém. De modo geral as forças que garantem a colocação em prática das mudanças impostas são o emprego e o salário. Nesta perspectiva, as ordens de mudança passam do ouvido para as mãos, não são filtradas pelo cérebro nem passam pelo coração. A gestão de mudanças impostas exige manutenção das condições de força e, nessas condições, é difícil se exigir que haja empenho pessoal livre para se executar as ordens dadas.

As instituições educativas que não se propõem um ideal de transformação social, querem apenas melhorar a sociedade, devem explicitar os seus referenciais com clareza para não enganarem o grupo com o qual trabalham. Essa clareza dará condições ao grupo de saber onde pisam e qual os limites das práticas propostas. É mais ético proceder assim do que propagar um discurso bonito e propor ações e políticas contraditórias com as ideias divulgados. Em questão superficiais, não há muito problema, mas em questões que dependem da convicção do professor no seu dia a dia, há o grande risco de acontecer.

2.2. A mudança da educação

Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós somos tão bons quanto todos nós juntos.

Como há múltiplos olhares e compreensões sobre fatos e propostas, quando a instituição tem uma equipe diretiva ou um colegiado, tem maiores possibilidades de discernir o movimento real da instituição e ações necessárias para produzirem as mudanças desejadas. Um colegiado tem maior capacidade de compreender situações complexas do que pessoas individuais. Uma equipe diretiva se constitui de profissionais que tenham competência comprovada na instituição e compreendam a função como serviço e não exercício de poder pessoal. Um colegiado age como um corpo só e não como cabeças individuais. A fração no colegiado divide o grupo maior da instituição.

A pessoa que apresenta e defende a mudança deve ter credibilidade na instituição. Não basta ter o cargo para se credenciar a apresentar propostas de inovação. As mudanças devem ser apresentadas como algo necessário à realidade em que se vive deve se constituir como uma tendência e não apenas um modismo, ditado pelo momento. Os gestores devem ser presença amiga no cotidiano da escola para que possam sentir o pulso do grupo. Nos ambientes descontraídos aparecem as brincadeiras, os comentários que expressam a cultura do grupo e se sente a possibilidade de se introduzirem mudanças na instituição. São espaços de importância estratégica para os membros de um colegiado. Sinceridade, coerência, diálogo, postura ética, são princípios de ação fundamentais para uma gestão eficaz de processos de mudança.

Estamos falando de processos e não de ações pontuais de mudança, neste sentido, a clareza dos referenciais e a convicção com que se abraça causa são essenciais para se tenha paciência na implementação das mudanças. As mudanças profundas costumam ser lentas. Perseverar nos fins pretendidos, demonstrar capacidade levantar suspeita sobre a própria prática de agir com humildade produzem a confiança no grupo para se engajarem no processo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo a Educação Brasileira ou a Gestão Escolar, requer mudanças de transformação, pois esse é um momento de se aperfeiçoar diante das

circunstâncias, visando que toda reflexão precisa gerar um olhar crítico da situação a ser enfrentada no processo de gestão. Um diagnóstico é preciso clareza para compreender o antes e o depois de executar a programação de qualquer planejamento, a instituição precisa dispor de recursos humanos e financeiros para desencadear um processo avaliativo ao longo da sua caminhada como educação.

No entanto um diagnóstico superficial não distingue o porquê de não se alcançaram os resultados desejados, e em muitas instituições o grupo fica com a impressão de que a ideia era inadequada. Falar gestão, no entanto requer a capacidade do discernimento, de leitura crítica da realidade em movimento de produção de condições necessárias adequadas. A educação passa por um processo de rotina constantemente.

4 REFERÊNCIAS

DOLL, Jr. W.E. **Currículo, Uma Perspectiva Pós-Moderna**. Porto Alegre: Artes. Médicas, 1997.

GANDIN, D. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MORIN, E. **O Método I. A Natureza da Natureza**. Sintra: Publicações Europa América. 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma pedagogia do conflito**. In: Silva, Luis Heron da Reestruturação Curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: 1996.

A BNCC E A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Helena Mota da Silva¹⁰

Joseane de Souza Santos¹¹

Viviane Pereira dos Santos¹²

Jocimeire Maria do Nascimento¹³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na abordagem da alfabetização na Educação Infantil visando o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa e descritiva. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de cunho oficial que define o que deve ser aprendido nas intuições de Ensino Básico de todo o Brasil. Parte fundamental e abertura dos aprendizados escolares, a alfabetização é destacada no documento no início do Ensino Fundamental. Ainda que a BNCC atribua a etapa de alfabetização aos anos iniciais do Ensino Fundamental, alguns preceitos e antecedentes do período alfabetizador estão presentes na fase da Educação Infantil. O resultado do estudo apontou que a alfabetização inicial na Educação Infantil é essencial no processo de aprendizagem de meninas e meninos, pois é uma ferramenta de comunicação muito poderosa que permite a troca de ideias entre grupos sociais, famílias, etc. Aprender os fundamentos da leitura e da escrita de forma sólida e correta permite que as crianças se expressem com fluência, clareza, confiança e, desta forma, transmitam objetivamente as suas ideias.

Palavra-chave: BNCC. Alfabetização. Educação Infantil. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

This article aims to analyze the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC) in the approach to literacy in Early Childhood Education, aiming at the development of reading and writing skills. A qualitative and descriptive study was conducted. The National Common Curricular Base (BNCC) is an official document that defines what should be learned in Basic Education institutions throughout Brazil. As a fundamental and opening part of school learning, literacy is highlighted in the document at the beginning of Elementary Education. Although the BNCC assigns the literacy stage to the initial years of Elementary Education, some precepts and antecedents of the literacy period are present in the Early Childhood

¹⁰ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UFMT/ Universidade Federal De Mato Grosso **Pós-graduação:** Psicopedagogia- Faculdade de Rolim de Moura. leninhamota@hotmail.com

¹¹ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UNOPAR / Universidade Norte do Paraná. **Pós-graduação:** Educação infantil e Especial, Facipan/ Faculdade do Instituto Panamericano. joseanesouza592@gmail.com

¹² **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, INVEST/ Faculdade de Ciências e Tecnologias. **Pós-graduação:** Educação Infantil e anos iniciais - Invest- Faculdade de Ciências e Tecnologias. vsantospereira37@gmail.com

¹³ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UNITINS/ Fundação Universidade do Tocantins. **Pós-graduação:** Metodologia Multidisciplinar na Educação Básica, FAEL / Faculdade Educacional da Lapa. meire.mm@hotmail.com

Education phase. The result of the study indicated that initial literacy in Early Childhood Education is essential in the learning process of girls and boys, as it is a very powerful communication tool that allows the exchange of ideas between social groups, families, etc. Learning the basics of reading and writing in a solid and correct way allows children to express themselves fluently, clearly, confidently and, in this way, objectively convey their ideas.

Keyword: BNCC. Literacy. Early Childhood Education. Reading. Writing.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Educação, a Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica, divididos em: Educação Infantil, Fundamental e Médio. A partir da aprovação legislativa da referida Base, a formulação dos conteúdos curriculares escolares em todo o país deverá ser realizada tendo o BNCC como norte e principal fundamento (SILVA & BORGES, 2020).

Por outro lado, a alfabetização pode ser definida conforme Ferreiro (2000) como um processo de aprendizagem em que as pessoas aprendem a ler e a escrever, mas é também a forma pela qual meninas e meninos em todo o mundo se tornam parte do mundo do conhecimento através de um processo de desenvolvimento linguístico, cognitivo e de crescimento.

Durante muito tempo, Kato (2017) menciona que a alfabetização foi considerada a capacidade de ler, escrever e fazer cálculos, porém, atualmente é considerada um processo contínuo de aprendizagem relacionado ao conhecimento de leitura, escrita, cálculo, habilidades digitais, educação para o desenvolvimento sustentável e habilidades específicas para trabalhar. Ou seja, a alfabetização exige a aquisição de uma série de competências que ajudam as pessoas a se adaptarem e a viverem na sociedade atual.

Meninos e meninas passam grande parte de suas vidas na escola, aprendendo sobre cores, arte, números, formas, história e ciências, segundo Kleiman (2019) para consolidar esses aprendizados precisam do maior número

possível de ferramentas. A leitura e a escrita são as principais ferramentas do mundo do conhecimento e do desenvolvimento de uma pessoa, e para as crianças é o veículo para organizar todos os conhecimentos ao longo da vida escolar.

Quando não conseguem desenvolver plenamente essas ferramentas, os recursos para o sucesso acadêmico diminuem significativamente, pois uma criança que não consegue ler e escrever com fluência, gasta tempo e energia tentando decifrar códigos e, portanto, perde a conexão do conteúdo e não consegue compreender o significado geral das ideias. Embora as crianças façam a maior parte do trabalho para aprender a ler e escrever na escola, devem criar as condições ideais para que este processo seja o mais bem sucedido possível, para que possam estabelecer certos hábitos com elas em casa desde muito pequenos.

Além do acima exposto, deve lembrar que a alfabetização faz parte do direito à educação, contribui para reduzir a pobreza e capacitar meninos e meninas. A alfabetização é um processo que não se inicia nem se esgota nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Estimular as habilidades precursoras da alfabetização é essencial para o sucesso neste processo. Na Educação Infantil, tendo em vista que permitem às crianças desenvolverem-se e as preparam melhor para se alfabetizarem e terem sucesso em toda trajetória escolar.

Coerente com as recomendações científicas e com o que preconiza os documentos oficiais, é importante que os profissionais da Educação Infantil conheçam e adotem práticas baseadas em evidência, aprimorando sua prática profissional e criando contextos de interação e aprendizagem que valorizam as formas próprias de viver e aprender na infância, ao mesmo tempo que estimulam e promovem o desenvolvimento integral das crianças.

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na abordagem da alfabetização na Educação Infantil visando o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

2 ALFABETIZAÇÃO COM CONDIÇÕES E COMPETÊNCIAS

Kato (2017) propõe que a aquisição da alfabetização ocorre através de um processo evolutivo, cujas origens remontam ao início da vida da criança. Afirma-se que não há um ponto claro para saber quando aparecem a leitura e a escrita, pois a criança avança aos poucos no domínio de tais habilidades formais, por meio da prática de diversas habilidades linguísticas orais, conceituais, que configura a pré-leitura e pré-escrita. Há consenso de que o processo de alfabetização começa com as primeiras interações linguísticas dentro da família, continua ao longo dos anos pré-escolares em que a criança recebe educação informal, até a entrada na escola formal onde ela se envolve em atividades de alfabetização já existentes, considerada alfabetização convencional.

A categoria de alfabetização inicial segundo Ferreiro (2000), inclui as interpretações que as crianças fazem dos símbolos impressos (desenhos, rabiscos, letras ou logotipos), bem como as suas abordagens de escrita.

Kleiman (2019) propõem que a alfabetização não se restringe às habilidades de leitura e escrita, mas envolve também todas as habilidades de comunicação oral. O desenvolvimento de competências linguísticas orais enriquece e fortalece as competências relacionadas com a linguagem escrita e vice-versa. As relações de influência mútua entre ambas as modalidades linguísticas são demonstradas por diversas abordagens teóricas.

A leitura é considerada um processo de tradução de um código visual em uma linguagem significativa. Nos estágios iniciais, a leitura em sistema alfabético envolve a decodificação de letras em seus sons correspondentes, ligando esses sons às palavras simples. As crianças podem dar passo seguinte, pois “quando os alunos iniciam o programa de alfabetização com condições e competências necessárias, sua chance de sucesso aumenta” (BRASIL, 2019b, p. 88). A alfabetização como processo é comparada por Cunningham e Zibulsky (2014) como uma planta em crescimento. Nessa analogia, as raízes seriam as habilidades precursoras, adquiridas pela criança na Educação Infantil. Para os autores, a estimulação nas diferentes etapas é fundamental, sendo que as raízes devem se

formar na família e na pré-escola, enquanto o crescimento da planta se daria no ano e seu desabrochar, a partir do 2º ano do Ensino Fundamental (CUNNINGHAM; ZIBULSKY, 2014).

As habilidades que predizem sucesso na alfabetização já foram identificadas e são consideradas pilares da alfabetização de qualidade, além de fazerem parte dos princípios da Política Nacional de Alfabetização (PNA).

Antes de iniciar o processo formal de alfabetização, a criança deveria ter estimuladas certas habilidades que serão importantes na aprendizagem da leitura e da escrita e terão papel determinante não apenas no processo de alfabetização em si, mas em toda a sua trajetória escolar.

2.1 Elementos para uma Educação Infantil de qualidade

A Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional (BRASIL, 2017). A formação dos professores e as práticas pedagógicas são dois importantes elementos que compõem os critérios de qualidade nesse nível de ensino (MEC, 2009; ALMEIDA, 2020). Há profissionais que reconhecem a Educação Infantil como o momento propício para estimular as crianças (ARCE e MARTINS, 2007; SILVA e HAI, 2013), garantindo o desenvolvimento de habilidades básicas para a alfabetização, sem prejuízo da abordagem lúdica neste processo (SARGIANI e MALUF, 2018).

A Educação Infantil é pautada nas orientações da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) - e esse documento não oferece orientações específicas sobre a estimulação de habilidades relacionadas à alfabetização, ainda que contemple algumas das habilidades preditoras em diferentes objetivos de aprendizagem e desenvolvimento nos campos de experiências. Outro importante ponto mencionado na Base é que não se deve limitar as aprendizagens das crianças ao seu processo de desenvolvimento natural.

Tendo em vista que faz parte das atribuições do professor planejar, refletir, organizar, selecionar materiais, preparar espaços e criar contextos convidativos, acolhedores e ricos em possibilidades de exploração, que motivem as crianças para a interação e a brincadeira, possibilitando seu desenvolvimento e aprendizagem (ALMEIDA, 2020), a estimulação de habilidade precursoras da alfabetização podem (e devem!) estar inseridas nessas propostas.

A própria BNCC (BRASIL, 2017) propõe que a alfabetização ocorra no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, mas para que isso se torne possível, é fundamental estimular as habilidades prévias, ofertando uma educação baseada em evidências, que considera as recomendações da ciência.

2.3 Literacia emergente na Educação Infantil

Literacia é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva (BRASIL, 2019). Pode compreender vários níveis, desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que o indivíduo já domina a leitura e a escrita e faz uso produtivo dessas habilidades, empregando-as na aquisição, transmissão e produção do conhecimento (MORAIS, 2014).

A Literacia Emergente é, então, o nível mais básico de literacia e constitui o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, desenvolvidos antes da alfabetização. Deve ser desenvolvida desde a fase pré-escolar até o final do primeiro ano do Ensino Fundamental e inclui experiências lúdicas, formais ou informais, de aprendizagem sobre a leitura e a escrita (BRASIL, 2019).

Burger (2010) ressalta que além de perdurarem na vida escolar da criança, as desvantagens existentes no período da Educação Infantil acarretam vários efeitos em diferentes áreas ao longo da vida, mas afirma que bons programas de Educação Infantil tem o potencial de contribuir para a superação dessas desvantagens, também com efeitos duradouros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, adotar como referência os estudos sobre a neurobiologia da aprendizagem e utilizar práticas baseadas em evidências científicas deve ser considerada como a chave para a promoção de habilidades essenciais ao sucesso na alfabetização e nas demais etapas de escolarização.

É importante que a Educação Infantil leve isso em conta e inclua nos programas pré-escolares a estimulação de habilidades que favoreçam e preparem a criança para o processo de alfabetização.

Ressalta-se que a oferta de ensino estruturado na Educação Infantil também favoreceria a transição da criança para o Ensino Fundamental, uma vez que ofereceria a possibilidade de integrar os processos e promover melhor equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo continuidade da aprendizagem. Os interesses, necessidades e formas próprias de conviver e de aprender das crianças devem ser considerados e preservados, promovendo seu desenvolvimento de forma integral e respeitando e garantindo seus direitos de aprendizagem.

4 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. P. **Protagonismo infantil: a criança no centro do planejamento curricular e da formação docente.** In: SANTOS, M. P. (Org.) *Formação Docente: importância, estratégias e princípios.* Volume 2. Curitiba: Bagai, 2020, p. 268-274

BRASIL. Ministério da Educação. **PNA: Política Nacional de Alfabetização.** Brasília: MEC, SEALF, 2019

BURGER, K. **How does early childhood care and education affect cognitive development?** An international review of the effects of early interventions for children from different social backgrounds. *Early Childhood Research Quarterly*, 25(2), 2010. 140–165.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 2017.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura.** 9 ed. Campinas: Pontes, 2019.

MALUF, M. R. **Ensinar a Ler: Progressos da Psicologia no Século XXI. Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 35, n. 89, p. 309–324, 2015

NATIONAL EARLY LITERACY PANEL. **Developing early literacy: report of the national early literacy panel.** A scientific synthesis of early literacy development and implications for intervention. Washington: National Institute for Literacy, 2009.

NATIONAL READING PANEL. **Teaching children to read: an evidencebased assessment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction.** Washington: National Institute of Child Health and Human Development, 2000.

SILVA, D., & BORGES, J. **Base Nacional Comum Curricular e competências infocomunicacionais: uma análise de correlação.** Intercom: Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação, 43(3), 99–114, 2020. <https://doi.org/10.1590/1809-5844202035>. Acesso, 2024

A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS.

Helena Mota da Silva¹⁴

Kátia Andréia de Oliveira Brandão¹⁵

Lacy Cristina Vieira de Lima Silqueira¹⁶

Laura Cristina Vieira de Lima Silqueira Souza¹⁷

RESUMO

A necessidade de escrever esse artigo se dá por perceber que nas escolas públicas há uma grande demanda de estudantes que chegam aos anos finais do Ensino Fundamental incapazes de ler, entender e escrever textos de forma significativa. Grande parte dos educandos, considerados alfabetizados, podem até ler simples textos e escrever o próprio nome, mas não conseguem desenvolver outras habilidades que lhes são pertinentes no dia a dia. A consolidação da alfabetização acontecerá quando esta for associada ao letramento: aprender a fazer e fazer o que aprendeu, pois, a alfabetização é o aprendizado da leitura e da escrita e o letramento a prática cotidiana desse processo. Dessa forma, faz-se necessário compreender o processo de alfabetização e letramento nos anos finais do Ensino Fundamental com o intuito de investigar sobre os fatores que interferem nesse processo.

Palavras-chave: Alfabetização. Leitura. Letramento.

ABSTRACT

The need to write this article comes from realizing that in public schools there is a great demand of students who reach the final years of elementary school unable to read, understand and write texts in a significant way. Most of the students, considered literate, can even read simple texts and write their own name, but they are unable to develop other skills that are pertinent to them in their daily lives. The consolidation of literacy will happen when it is associated with literacy: learning to do and do what you have learned, because literacy is the learning of reading and writing, and literacy is the daily practice of this process. Thus, it is necessary to understand the literacy and literacy process in the final years of elementary school in order to investigate the factors that interfere in this process.

Keywords: Literacy. Reading. Literacy.

¹⁴ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UFMT/ Universidade Federal de Mato Grosso **Pós-graduação:** Psicopedagogia- Faculdade de Rolim de Moura. leninhamota@hotmail.com

¹⁵ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, INVEST/ Faculdade de Ciências e Tecnologias. **Pós-graduação:** Educação Infantil e anos iniciais - Invest- Faculdade de Ciências e Tecnologias. vsantospereira37@gmail.com

¹⁶ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia /Anhanguera. **Pós-graduação:** Alfabetização e Letramento, UNOPAR/ Universidade Norte do Paraná. laurasilqueirasouza@gmail.com

¹⁷ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, FACEL / Faculdade Cuiabana de Educação e Letras. **Pós-Graduação:** Supervisão e Currículo. Instituto Metodista de Ensino Superior Supervisão e Currículo. laurasilqueirasouza@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Compreender sobre o processo de alfabetização nos anos finais do Ensino Fundamental é algo que sempre me instigou a entender como e de que maneira acontecem na escola. Nesse contexto, a alfabetização é entendida como uma técnica que tem o objetivo de ensinar a ler e escrever de maneira coerente, já o letramento se trata da habilidade de fazer o uso da leitura e escrita não só na escola, mas em outros espaços sociais.

Mesmo a alfabetização e o letramento sendo processos distintos, também, são interdependentes e indissociáveis. Então quando bem articulados ao planejamento de um educador, podem trazer benefícios, ou seja, uma aprendizagem mais significativa e eficaz na vida dessas crianças. Para a realização desse artigo foram feitas pesquisas bibliográficas. No primeiro capítulo trataremos alguns conceitos sobre a alfabetização e o letramento. No segundo capítulo mostraremos algumas abordagens que podem ocorrer no processo de ensino e aprendizagem e os desafios de alfabetizar letrando será o assunto do terceiro capítulo.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS

A alfabetização surgiu das necessidades de comunicação no dia a dia da humanidade. Com o passar dos tempos houve a necessidade de que a escrita e a leitura passassem de geração em geração, com o intuito de realmente se entender o que está escrito surgiram às regras da alfabetização. O processo pelo qual se adquire o domínio de um sistema linguístico e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever é chamado de alfabetização. Ela constitui-se no domínio das ferramentas e no conjunto de técnicas necessárias para exercer a arte e a ciência da escrita e da leitura. Quando a criança domina habilidades básicas para fazer uso da leitura e escrita é considerada alfabetizada.

A palavra letramento é de uso ainda recente e significa o processo de relação das pessoas com a cultura escrita, segundo Soares, 2003. Neste sentido, letrado é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto

de usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta das situações sociais e profissionais. Nem sempre o ato de ler e escrever garante que o indivíduo compreenda o que lê e o que escreve. Para Kleimam (2007), atividades que envolvem letramento, não se diferenciam das demais atividades de vida social. Letramento não é alfabetização, e sim um trabalho onde se estabelece as relações entre os fonemas, grafemas, um processo de estruturas linguísticas, é prazer, lazer, ler em lugares diferenciados, não só na escola, mas em exercícios de aprendizagem.

Kleimam (2007) afirma ainda que letramento é obter informações através de leituras de diferentes gêneros textuais, buscar informações, buscar a leitura para seguir certas instruções, usar a escrita para se orientar no mundo, descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita. É na escola que o desenvolvimento da escrita e da leitura ocorre de forma sistemática, porém não é o único espaço alfabetizador, mas sendo ela a mais importante agência de letramento, deve criar as condições necessárias para o mesmo, contribuindo com trabalho dos professores no sentido de desenvolver nos alunos um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer uso de forma eficiente das capacidades técnicas de leitura e escrita.

Assim, o trabalho pedagógico desenvolvido na escola precisa ser baseado numa proposta de “alfabetizar letrando”, em que o ensino e a aprendizagem do código estejam associados pelas práticas sociais de utilização da escrita. Nesse sentido, teríamos, pois, uma escola educando para as diversas práticas da vida social. Em outras palavras, teríamos uma relação indissolúvel entre Educação, Letramento e Práticas Sociais:

[...] Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2012, p. 47).

Porém atualmente, no nosso país ainda acontece de muitos professores ensinarem de forma padronizada e mecânica contribuindo para uma grande defasagem na formação de crianças que saem das séries iniciais do ensino

fundamental. Por esse e outros motivos, muitos alunos chegam ao 4º e 5º ano do Ensino Fundamental com muitas dificuldades na leitura e escrita, alguns não são alfabetizados e nem letrados.

Com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever. Esse documento deve nortear a educação básica em todo o país.

2.1 Alfabetização e letramento: abordagens no processo de ensino aprendizagem

O processo de ensino e aprendizagem é o nome dado para interações comportamentais entre professores e alunos. O ponto central do processo desse processo, atualmente, é a atividade do aluno enquanto agente da sua aprendizagem.

A aprendizagem escolar se caracteriza pelo caráter ordenado e intencional, também, pela organização das atividades que a desencadeiam (atividades que se inserem em um quadro de finalidades e exigências determinadas pela instituição escolar).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/ 96 é na educação e em ambientes escolares que o indivíduo se constitui como cidadão, tendo em vista seu pleno desenvolvimento intelectual, por isso, é necessário verificar os processos de ensino aprendizagem que pode ocorrer nas escolas.

Um dos métodos de ensino-aprendizagem é o método tradicional onde o conhecimento é restrito ao professor que tem o dever de transmitir e o aluno o dever de decorar. Tem como metodologia a aula expositiva, onde o professor apresenta as diferenças no ritmo de aprendizagem dos alunos.

O método comportamentalista tem o conhecimento como base da experiência. A educação tem como propósito nessa abordagem a transmissão

cultural, baseada no condicionamento, onde reforça determinado conteúdo. Na teoria humanista o aluno desenvolve sua personalidade de acordo com suas capacidades, o professor não age como transmissor e sim como facilitador da aprendizagem. O aluno determina seu ritmo e autoavalia-se, pois, só ele sabe da sua capacidade e objetivo, não segue uma metodologia específica, cada professor deve analisar a necessidade de cada aluno para desenvolver seu trabalho.

Jean Piaget é como um dos grandes pensadores da linha cognitivista, nela o conhecimento é tratado como uma construção contínua, trabalhado a partir do meio social.

A linha sócia cultural tem como principais teóricos Levi Vygotsky e Paulo Freire, no Brasil. Nessa perspectiva, o conhecimento é desenvolvido a partir da problematização e do diálogo, para inserir o aluno em sua realidade.

No processo de alfabetização, também é muito conhecido o método de Emília Ferreiro que possui concepções inovadoras a respeito desse processo. A partir dos resultados de pesquisas contidos no livro *Psicogênese da língua escrita*, ela trouxe um novo jeito de se pensar a alfabetização. Segundo a autora, o fracasso na alfabetização também está relacionado com a maneira que esse processo é proposto e praticado.

Aprender corresponde ao papel do professor e o aluno em sala, o processo de ensino só é completo quando há aprendizagem. Segundo Paulo Freire, não existe ensino sem aprendizagem. Para ele e vários educadores contemporâneos, educar alguém deve ser um processo dialógico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a alfabetização não é vista como algo desvinculado do mundo, ela envolve um processo de construção de conhecimentos que leva o educando a se reconhecer como sujeitos autônomos, ativos e críticos na sociedade. Ela constitui-se num processo amplo e complexo, o qual enfatiza a importância das

crianças fazerem uso social da leitura e da escrita, reconhecendo a função social da linguagem.

Esse trabalho requer um olhar crítico às mudanças e necessidades da educação. Muitas são as teorias construídas, discutidas e aceitas a respeito das formas de se promover a transmissão e construção do conhecimento sem negar as características naturais do educando. Considerando o início da escolarização é relevante considerar a importância do processo de alfabetização para o sucesso ou não das vivências escolares.

O processo de alfabetizar está além de ensinar habilidades de codificação e decodificação do alfabeto, abrange o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais. Por esse motivo, fica maior ainda o desafio do professor que está nas salas de aula, pois, é necessário que diminua o índice de alunos que chegam ao final do Ensino Fundamental I sem ser alfabetizado e letrado, para que assim, como está previsto nas leis que regem a educação, haja um desenvolvimento pleno do cidadão.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**- Documento oficial. MEC. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRO, Emília. **A psicogênese da língua escrita**. UNESP, 2015. Disponível em: <[HTTPS://novaescola.org.br](https://novaescola.org.br)> Acesso em: 05 out. 2019.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KLEIMAM, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler escrever?** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005-2010.

CAUSAS E DIFICULDADES DO FUNCIONAMENTO CEREBRAL DE UM DISLÉXICO

Carlos Palmeira Campos¹⁸

RESUMO

Este estudo, explora as causas e o funcionamento cerebral de uma pessoa com dislexia durante o processo de leitura. Esse distúrbio, possui uma origem neurológica que afeta a capacidade de interpretar letras e palavras, dificultando a leitura e a escrita, independentemente da inteligência. Com isto, este estudo tem por objetivo analisar, que indivíduos disléxicos, possuem áreas específicas do cérebro, envolvidas no processamento da linguagem funcionam de maneira diferenciada, especialmente em regiões relacionadas à decodificação de sons e símbolos. Essa diferença no funcionamento cerebral, leva a dificuldades na identificação rápida e precisa das palavras, no reconhecimento das letras e, na combinação dos sons. Dessa forma, a pesquisa sendo uma revisão bibliográfica, busca compreender as causas genéticas e neurológicas da dislexia, explicando como certas variações cromossômicas influenciam o desenvolvimento dessas áreas cerebrais. Através dos resultados das pesquisas, um panorama sobre as regiões do cérebro com menor ativação em disléxicos e como essas diferenças afetam o processo de leitura. Com essa análise, a pesquisa auxilia no entendimento, de que esse distúrbio não esteja relacionado à falta de esforço, ou inteligência, mas sim a um processamento cerebral diferenciado, reforçando a importância de abordagens pedagógicas adequadas para ajudar na superação das dificuldades de leitura e no sucesso acadêmico desses indivíduos. Assim, a compreensão das causas e do funcionamento cerebral, durante a leitura é fundamental para o desenvolvimento de intervenções educacionais eficazes, que atendam às necessidades específicas de alunos disléxicos, promovendo um desenvolvimento na aprendizagem de forma simples e facilitada.

Palavras Chaves: Dislexia. Aprendizagem. Causas. Cérebro.

ABSTRACT:

This study explores the causes and brain functioning of a person with dyslexia during the reading process. This disorder has a neurological origin that affects the ability to interpret letters and words, making it difficult to read and write, regardless of intelligence. With this, this study aims to analyze that dyslexic individuals have specific areas of the brain involved in language processing work

¹⁸**Graduação:** Licenciatura em História, UFAM/ Universidade Federal do Amazonas. **Especialização:** Docência do ensino superior / Candido Mendes. Gestão escolar, UEA /Universidade Estadual do Amazonas. Tutoria escolar, UFAM/ Universidade Federal do Amazonas. ABA /academia do Autismo. Tecnologia educacional, UEA / Universidade do Estado do Amazonas **Mestrado:** Ciências da Educação, UNIDA/ Universidad de la Integracion de Las Americas. campos.palmeira@gmail.com.

in a different way, especially in regions related to the decoding of sounds and symbols. This difference in brain functioning leads to difficulties in quickly and accurately identifying words, recognizing letters, and combining sounds. Thus, the research, being a literature review, seeks to understand the genetic and neurological causes of dyslexia, explaining how certain chromosomal variations influence the development of these brain areas. Through the results of the research an overview of the brain regions with the least activation in dyslexics and how these differences affect the reading process. With this analysis, the research helps to understand that this disorder is not related to a lack of effort or intelligence, but rather to a differentiated brain processing, reinforcing the importance of appropriate pedagogical approaches to help overcome reading difficulties and the academic success of these individuals. Thus, understanding the causes and brain functioning during reading is essential for the development of effective educational interventions that meet the specific needs of dyslexic students, promoting a simple and easy learning development.

Keywords: dyslexia. Apprenticeship. Causes. Brain.

1. INTRODUÇÃO

Com o impacto das dificuldades de aprendizagem e muitas vezes os transtornos na aprendizagem, na atualidade perante as pesquisas sobre as dificuldades identificadas nos alunos que por muitas vezes não possui um entendimento do estudo em sala de aula. Reflete, uma compreensão para o desenvolvimento na leitura, escrita e, muitas vezes, a compreensão de textos, afetando uma parcela significativa da população.

Destacando a dislexia, um distúrbio que prejudica o reconhecimento de palavras, a frequência da leitura e a ortografia. Essas dificuldades, são resultantes de diferenças no funcionamento cerebral, assim, é crucial compreender as causas neurobiológicas da dislexia, pois esse conhecimento possibilita a formulação de estratégias educacionais e, intervenções que atendam às necessidades específicas dos alunos.

Com a revisão da literatura sobre esse tema, trazendo um panorama sobre as causas da dislexia e o funcionamento do cérebro de indivíduos disléxicos, durante a leitura, explorando como as diferenças estruturais e funcionais

influenciam a experiência de leitura. Para isso, essa pesquisa através de uma revisão documental, de estudos relevantes na área, incluindo pesquisas de autores renomados como Shaywitz e Shaywitz (2005), que investigam as áreas cerebrais afetadas pela dislexia, Hoeft et al. (2006), que analisam a ativação cerebral durante a leitura, e Vellutino et al. (2007), que discutem as implicações da fluência na compreensão da leitura.

Os resultados dessa revisão, indicam que o cérebro de indivíduos disléxicos apresenta uma ativação predominante do hemisfério direito durante a leitura, ao passo que leitores proficientes utilizam predominantemente o hemisfério esquerdo.

A dislexia é amplamente caracterizada pela dificuldade no reconhecimento rápido e preciso de palavras, assim como pela dificuldade de decodificação e ortografia. Estudos neurocientíficos indicam que, em indivíduos disléxicos, áreas do cérebro relacionadas ao processamento fonológico, como as regiões temporo-parietais e occipitotemporais, apresentam menor ativação, especialmente durante tarefas de leitura e reconhecimento de palavras. Essa alteração neurológica dificulta a capacidade de segmentar e associar os sons às letras de maneira eficiente, o que impacta diretamente a fluência na leitura e aumenta o esforço mental necessário para compreender o conteúdo.

Essas dificuldades acabam por afetar outros aspectos importantes da aprendizagem, como a capacidade de retenção e compreensão de novas informações, visto que o esforço para decodificar o texto consome recursos cognitivos que poderiam ser aplicados na compreensão e na integração dos conteúdos lidos.

Como consequência, muitos alunos disléxicos enfrentam não só desafios acadêmicos, mas também questões emocionais, como baixa autoestima e ansiedade frente ao processo de leitura e escrita, o que agrava o impacto da dislexia ao longo de seu percurso escolar.

Ao analisar essas ações, que causam as dificuldades no funcionamento do cérebro, mostra que as intervenções educacionais com atividades próprias para esses alunos, estimulam suas capacidades, criando formas tecnológicas e maneiras para terem uma leitura significativa, onde facilite as atividades e auxilie na estimulação mental, perante a aprendizagem

Por isso, o espaço escolar torna-se mais simples, permitindo que os alunos enfrentem menos obstáculos e consiga compreender a aprendizagem. Essas abordagens integrais, podem ainda inspirar mudanças mais amplas, levando a uma sociedade que reconhece a importância de um sistema educacional adaptado a diferentes necessidades e que promove o desenvolvimento integral de todos os seus membros.

Dessa forma, a investigação das causas e do funcionamento do cérebro durante a leitura é crucial para a formulação de intervenções educacionais que atendam às necessidades dos alunos disléxicos, promovendo um ambiente de aprendizado que favoreça as capacidades na leitura e na escrita do aluno.

2. AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DISLÉXICA

Na atualidade, com problemas na aprendizagem, onde afetam a leitura e a escrita, que iniciam as características de dificuldades em reconhecer palavras, no domínio da ortografia e compreensão ao desenvolvimento da aprendizagem, é necessário meios que funcionem para trabalhar de forma apropriado.

Segundo Kershner, (2006, p. 66) esclarece que, “o distúrbio é um problema que afeta todo funcionamento cerebral, que desenvolve a leitura e escrita, que funciona de forma ampla”. Sendo assim, é uma parte essencial que necessita de ações complexas, cada um com funções específicas. Cada parte, sendo o lado esquerdo, geralmente é responsável pelo desenvolvimento das capacidades,

como a linguagem e o sentido dela, enquanto o direito está mais ligado à criatividade e à compreensão visual.

Shaywitz (2003), define a dislexia como:

[...] Uma dificuldade específica na aprendizagem, com sinais cerebrais, características fundamentadas nos problemas gerado ao reconhecer, ou, escrever, utilizando assim as capacidades para trabalhar na pronúncia estabelecendo meios para uma escrita correta. (SHAYWITZ, 2003, p. 40).

Para tanto, as estratégias, baseadas em métodos que utilizam o som, faz com que as atividades trabalhadas com recursos conforme a idade instrumentos facilitados, ajudam a reforçar as conexões neuronais, envolvidas no desenvolvimento da fala, promovendo um desenvolvimento mais eficiente das capacidades de leitura e escrita. Essas intervenções educacionais, permitem que os disléxicos construam gradativamente um vocabulário visual e melhorem sua capacidade de escrita, facilitando uma produção textual, mais precisa e menos desgastante, alinhada às necessidades de cada aluno.

Assim, argumenta Wolf (2008), que:

[...] A dislexia A dislexia é uma condição de origem neurológica e genética, em que o cérebro precisa encontrar caminhos alternativos para a leitura, retirando d atitudes menos complicadas. Essas diferenças podem dificultar a leitura e, a escrita, mas não refletem a capacidade intelectual das pessoas, tendo a compreensão, é essencial, para que se evitem preconceitos, quebrando barreiras em relação à capacidade intelectual dos disléxicos (WOLF, 2008, p. 92).

Contudo, a dislexia não pode ser classificada por fatores ambientais, pois existe o contexto familiar, ou seja, a parte biológica da criança, fazendo com ocorra a necessidade de suporte adequado, com um auxílio educacional, amenizando os desafios que a dislexia coloca.

Como afirma Pennington (2008, p. 31), esclarece que, “Esse distúrbio, por ter uma base genética comprovada, não significa que pais com dislexia, necessariamente, terão filhos com a condição”. Assim, pode ocorrer casos na família, mas a herança genética não é direta e a probabilidade não é de 100%.

Por isso pessoas com esse distúrbio muitas vezes sofrem ações do lado esquerdo na parte cerebral, que reflete durante a leitura. Isso significa, que as partes cerebrais, onde precisavam estar ativas nas palavras e, com a fala, não estão funcionando da maneira esperada.

De acordo com Shaywitz et al. (2002, p. 102), indica que, “a dislexia resulta de uma alteração nos circuitos neurais que suportam a leitura”, evidenciando que a ativação anômala no hemisfério esquerdo é um dos principais fatores que dificultam o aprendizado da leitura. Como resultado, o hemisfério direito precisa compensar essa falta de atividade, levando a uma sobrecarga de trabalho que resulta em um processamento mais lento e dificultando a fluência na leitura.

Muitas vezes, ao compreender esse distúrbio, analisa as capacidades, ou seja, as qualidades de uma pessoa. Essas pessoas, possuem uma inteligência importante, e uma criatividade avançada, inovando e enxergando soluções e, trazer um ponto de vista, diferente para os problemas, que pode ser difícil de alcançar por quem pensa de forma simples.

Mesmo desafiando as atividades cerebrais na prática da leitura e escrita, mostra que não tem barreiras mentais, pelo contrário, reforça ações importantes em espaço como artes, raciocínio rápido ao visualizar atividades, e reflexão mais crítica, provando que o distúrbio não define a inteligência, mas sim, destaca uma forma especial de enxergar e entender o mundo.

Como afirma Snowling (2000, p. 97), “a dislexia é um distúrbio próprio de aprendizagem que não é indicativo da inteligência geral”. Dessa forma, o que destaca, são os desafios enfrentados por essas pessoas, sem refletir em suas capacidades cognitivas. Contudo, o exagero nas solicitações trabalho, pode causar tristeza e ansiedade, especialmente no espaço escolar, onde a solicitação para ter um bom desempenho, é alta. Portanto, é fundamental que educadores, pais e profissionais de saúde estejam cientes da dislexia e de como ela afeta o aprendizado.

Segundo Gordon (2011), indica que:

[...] A compreensão do funcionamento do cérebro disléxico, pode ajudar na criação de estratégias de ensino, que respeitem as particularidades de cada aluno, promovendo um ambiente mais social, impactando diretamente a habilidade de soletrar palavras e interpretar, textos com fluência (GORDON, 2011, p. 115).

Entretanto, a falta de auxílio, cria situações com mais dificuldades, agindo diretamente o resultado da aprendizagem. Por isso, o contexto biológico, denota que o meio inserido, seja adaptado para auxiliar o desenvolvimento da criança e, tendo sentido na aprendizagem.

Essa compreensão cultural, permite que educadores formulem maneiras de ensino mais adaptados, priorizando técnicas, que ajudem o aluno disléxico a superar suas dificuldades, como o uso de métodos com padrões, abordagens visuais e o apoio com matérias mais simples.

Dessa maneira, é essencial oferecer suporte emocional e encorajar, o desenvolvimento de habilidades que ajudem os disléxicos a superarem os desafios que enfrentam. Em vez de ver a dislexia como uma limitação, devemos reconhecê-la como uma variação do funcionamento cerebral que pode ser abordada com compreensão e técnicas adequadas.

Para Vellutino et al. (2004), observa que:

[...] Identificar a dislexia o mais cedo possível cria oportunidades para intervenções mais eficazes, reduzindo os desafios diários que as crianças enfrentam na escola e aumentando suas chances de aprendizado. Uma análise inicial ajuda famílias e educadores a compreenderem melhor as necessidades da criança, proporcionando o apoio necessário. Assim, crianças disléxicas podem se sentir mais confiantes, participando ativamente das aulas e aproveitando as oportunidades de aprendizado. Para identificar a dislexia, os pais devem observar sinais persistentes de dificuldade em leitura e escrita, evitando atribuí-los a desinteresse ou preguiça. Conversar com professores é essencial, já que eles frequentemente são os primeiros a notar esses sinais em sala de aula. Uma observação, no início é fundamental para que a criança receba o suporte necessário desde o início, reduzindo os obstáculos ao seu desenvolvimento (VELLUTINO *et al.*, 2004, p. 36).

Assim, as crianças podem se sentir mais confiantes, participar ativamente das aulas e perceber as ocasiões para aprender de forma prática. Isso, faz toda a diferença no desenvolvimento delas e na forma como encaram os estudos. Dessa

forma, para identificar a dislexia, os pais devem observar sinais de dificuldade persistente na leitura e escrita, evitando associar essas dificuldades a desinteresse ou preguiça. Conversar com professores é essencial, já que muitas vezes eles são os primeiros a notar esses sinais em sala de aula. É fundamental, para que, a criança tenha o suporte necessário desde cedo, reduzindo os obstáculos ao seu desenvolvimento.

Segundo Lyttinen *et al.* (2004,28), mostra que, “o diagnóstico precoce da dislexia é fundamental, para o desenvolvimento da criança, pois quanto antes forem aplicadas as intervenções adequadas, melhor será o progresso nas habilidades de leitura e escrita”. Por isso, o apoio e a atenção do professor ajudam a reduzir a ansiedade durante as atividades e as avaliações.

O papel dos professores, é muito importante no acompanhamento de crianças com dislexia. Mesmo que, nem todos tenham formação específica para identificar a dislexia, muitos podem ajudar ajustando as atividades em sala de aula, como permitindo o uso de gravações das aulas ou evitando que a criança leia em voz alta quando não se sente confortável.

Para Snowling e Hulme (2012, p. 94), "a habilidade fonológica é um dos fatores mais afetados na dislexia e explica em grande parte os problemas de leitura desses indivíduos." Isso significa, que o apoio a esses alunos, deve focar em práticas de ensino que valorizem o aprendizado fonológico, ajudando-os a desenvolver um sistema de leitura mais eficaz.

Dessa forma, o ambiente escolar se torna mais prático, fazendo com que os alunos superem os obstáculos e, atuem nas atividades desenvolvidas da aprendizagem. Essas ações, integrais podem inspirar mudanças mais amplas, promovendo um meio educacional, que reconheça a importância de criar as diferentes atitudes, favorecendo o desenvolvimento integral de todos os envolvidos.

Como afirma Silva (2020, p. 53), destaca que, "a inclusão do aluno disléxico na escola requer mais do que simples adaptações curriculares". Por isso, depende

da construção de um ambiente acolhedor e adaptado às necessidades de todos." Isso ressalta a importância de um olhar humanizado para esses estudantes, onde o foco esteja no apoio e no desenvolvimento de suas habilidades.

2.1. O Auxílio e o contexto educacional

As causas da dislexia podem dificultar a compreensão em crianças e adultos, gerando desafios específicos. Essa condição ainda gera muitas dúvidas entre especialistas, assim como no ambiente familiar e escolar. Segundo Shaywitz (2003, p. 77), “a dislexia compromete a habilidade de reconhecer e lidar com sons, dificultando a decodificação e a compreensão de palavras escritas”. Esses desafios não significam que a pessoa tem um problema intelectual, já que as pessoas disléxicas têm inteligência que pode ser igual ou até superior à média. É comum que crianças disléxicas apresentem dificuldades já nos primeiros anos de escola, quando começam a aprender leitura, escrita e matemática de forma mais estruturada.

Segundo Silva (2019, p. 51), indica que, “O diagnóstico precoce é essencial, pois permite que a criança receba o suporte necessário desde cedo, evitando que as dificuldades comprometam seu desenvolvimento acadêmico e social”. Por isso, é importante que pais e educadores, estejam abertos para identificar, como as dificuldades em soletrar as palavras, lentidão na leitura e erros frequentes na escrita. Quando a dislexia é identificada nos primeiros anos escolares, as chances de superação das dificuldades aumentam significativamente.

Segundo Gomes (2020), informa que:

[...] O auxílio de uma equipe de especialistas, composta por psicólogos, fonoaudiólogos, neuropediatras e pedagogos, é fundamental para o diagnóstico e para o desenvolvimento de intervenções adequadas para cada criança. “A intervenção precoce é capaz de promover grandes avanços nas habilidades de leitura e escrita, diminuindo o impacto da dislexia no desempenho escolar” (GOMES, 2018, p. 22).

Como afirmam Simmons e Singleton (2008, p. 47), mostra que, "a falta de estímulos linguísticos adequados pode agravar as dificuldades de leitura em crianças predispostas à dislexia". Assim, a interação entre predisposição genética

e fatores ambientais é crucial para entender a dislexia, com as intervenções pedagógicas adequadas podem incluir o uso de tecnologia assistiva, exercícios de decodificação fonológica e atividades que desenvolvam a memória visual e auditiva, permitindo à criança aprender e se desenvolver sem que o transtorno limite seu potencial.

De acordo com Pennington (2009, p. 73), “existem evidências robustas de que a dislexia tem uma base genética, embora sua manifestação possa variar e seja influenciada por fatores ambientais”. Para tanto, as dificuldades de aprendizagem podem surgir de causas externas, como mudanças de escola, problemas familiares, ou até mesmo de questões emocionais. Tais dificuldades, ao receberem intervenção adequada, tendem a ser superadas.

Por isso, a integração de políticas inclusivas, aliada a métodos de ensino diferenciados e ao trabalho multidisciplinar, é essencial para ajudar todos os alunos, enfrentando os desafios possam ter uma experiência educacional completa e inclusiva. Dessa forma, uma educação verdadeiramente inclusiva pode ser alcançada, respeitando as necessidades e capacidades de cada estudante.

Além disso, a sobrecarga cognitiva pode afetar a compreensão da leitura. Estudos sugerem que a falta de fluência na leitura, comum entre disléxicos, impacta a capacidade de entender o que está sendo lido.

Vellutino *et al.* (2007, p. 204) afirmam que "quando a leitura se torna um esforço, a capacidade de construir significado a partir do texto diminui". As dificuldades na, podem surgir de causas externas, como mudanças de escola, problemas familiares, ou até mesmo de questões emocionais. Tais dificuldades, ao receberem intervenção adequada, tendem a ser superadas.

No entanto, os distúrbios de aprendizagem, como a dislexia, são específicos e persistem, mesmo com intervenções regulares, evidenciando-se principalmente na leitura e escrita diagnóstico, o DSM-5, referência na classificação de transtornos mentais e de desenvolvimento, define a dislexia como uma dificuldade específica na leitura.

A análise, perante a dislexia envolve avaliar a necessidade, a clareza e a compreensão na leitura. Trata-se de atividades, dificuldades ao perceber as tarefas, ou mesmo à falta de acesso à educação. Em outras palavras, as crianças disléxicas, sofrem com desafios que estão ligados ao jeito como seu cérebro age, a linguagem escrita. Por isso, é fundamental, que haja intervenções específicas e continuadas para ajudar essas crianças a avançarem no aprendizado.

Segundo Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2015) descreve que:

[...] À medida que avançamos na compreensão da dislexia, torna-se essencial que profissionais da saúde e educação desenvolvam intervenções eficazes para apoiar o desenvolvimento social e acadêmico de crianças com esse transtorno. Estudos da Associação Brasileira de Dislexia (ABD) indicam que dificuldades específicas, como soletração, representam uma lacuna significativa no aprendizado, destacando a necessidade de abordagens mais amplas e individualizadas para auxiliar essas crianças em sua trajetória educacional (ABD, 2015).

Por isso, os profissionais do ambiente da saúde, necessitam criar intervenções adequadas, que auxiliem no desenvolvimento social com as crianças com esse distúrbio. Com estudos e práticas que auxiliem nesse processo, identifiquem as capacidades e o desenvolvimento do aluno ao soletrar, criando formas para leitura e escrita, que acabe com evasões escolares e trabalhem a baixa estima, justifique em torno da criança que apresenta esses desafios na aprendizagem.

Dessa forma, os profissionais do ambiente da saúde, necessitam criar intervenções adequadas, que auxiliem no desenvolvimento social com as crianças com esse distúrbio. Com estudos e práticas que auxiliem nesse processo, identifiquem as capacidades e o desenvolvimento do aluno ao soletrar, criando formas para leitura e escrita, que acabe com evasões escolares e trabalhem a baixa estima, justifique em torno da criança que apresenta esses desafios na aprendizagem.

Para Ciasca e Capellini (2019), indica que:

[...] Cada barreira enfrentada faz com que a criança dislexia mostre suas capacidades, muitas vezes a falta delas perante a atividades simples que não podem ser classificadas como uma falta de comprometimento ou falta

de atenção, mas demonstra a falta de desenvolvimento no processo de suas habilidades fundamentais, deixando aparente (CIASCA e CAPELLINI, 2019, p. 40).

Ao enfrentar os desafios, que vão muito além de escrita e leitura, muitas vezes o desenvolvimento motor dificulta em suas atividades mais simples, seja ele ao escrever seja ao brincar, pois traz a falta de atenção e contribui para falta de memória nas atividades. Com isso, ocorre a dificuldade em concentrar, ou mesmo, memorização ao usar palavras simples, que quebram barreiras ao ler, na escola. Ou seja, todo o desenvolvimento na alfabetização necessita ter auxílio para alunos com a dislexia.

De acordo com Carvalho e Oliveira (2020, p. 130), explica que, “um modelo de intervenção eficaz deve seguir o modelo de Resposta à Intervenção (RTI), que inicia com o trabalho em grupos maiores para identificar dificuldades e segue com grupos menores para intervenções mais específicas”. Fazendo assim, atendimentos especializados para casos persistentes. Esse modelo, é crucial para garantir que os alunos disléxicos recebam o suporte necessário, evitando que acabem sobrecarregando sistemas de saúde com problemas que poderiam ser resolvidos no contexto escolar.

Assim, cada pessoa, possui suas próprias maneiras de enfrentar os desafios, que a vida apresenta, e essa cultura, é especialmente evidente entre aqueles que lidam com a dislexia, derrubando as barreiras, sendo uma parte da jornada de cada um. É essencial enfatizar que, mesmo com esse desafio, é possível levar uma vida plena e satisfatória. Cada pessoa, tem sua capacidade, encontrando meios para superar as dificuldades que surgem.

Pennington (2006, p. 93), explica que “para muitos, a busca por estratégias que tornem o cotidiano mais leve e, produtivo é um caminho mais real”. Por exemplo, a utilização de cadernos e diários pode ser uma ferramenta extremamente útil. Falar sobre minha própria experiência pode ilustrar como isso funciona na prática. Sempre tive uma paixão por cadernos e livros. Essa, sensação de escrever à mão, de ver as páginas em branco se transformarem em anotações

significativas me fascina. O toque do papel, o cheiro de um caderno novo e até a estética das folhas me atraem.

Entretanto, assim como muitos, os desafios relacionados à dislexia. Muitas vezes, traz à desorganização, para lidar com isso, importante personalizar caderno de anotações de uma maneira, que auxilie a pessoa, a criar estratégias para motivar na prática da atenção motivação. Essa prática não só ajuda a organizar, melhor os pensamentos, mas também torna o ato de escrever uma atividade prazerosa e envolvente.

Isso ocorre, porque estímulos visuais, adequados podem criar um ambiente mais propício ao aprendizado, facilitando o engajamento nas atividades propostas.

Como explica, Gordon, (2011):

[...] A organização do material de estudo pode ajudar muito, pois coisas que chamam nossa atenção facilitam a concentração e a memória, a escolha de materiais como cadernos coloridos, canetas de diferentes tonalidades ou até mesmo adesivos e marcadores pode parecer simples, mas essas ferramentas desempenham um papel significativo na forma como cada aluno se conecta com o conteúdo (GORDON, 2011, p. 110)

Sendo assim, estimular e desenvolver as habilidades de cada criança é importante para sua aprendizagem, tornando-a assim, mais natural e alegre. Às vezes, esses diversos fatores são investigados, mesmo assim, ela continua com a dificuldade, não evolui.

Com as grandes possibilidades dos distúrbios na leitura ou na escrita, Martins e Magalhães Junior (2006, p. 51) explica que, “a necessidade de ocorrências maiores e sendo assim investigar mais afundo o que ocorre com o aluno, pois a grande relação entre concentração e a desatenção”. Assim, o adulto que está ao lado dela deve, ter a sensibilidade de ajudá-la observando-a, analisando suas atitudes, e suas respostas a estímulos, para que possa criar condições de ajudá-la em suas dificuldades, resolvendo-as ou mesmo fazendo com que ela entenda como melhorá-la.

Por isso, os jogos entram em cena, nas situações de dificuldade como um recurso facilitador, pois através dele a criança é livre para expressar seus sentimentos, suas angústias, sem medo de ser reconhecido. O profissional, para trabalhar com a criança, precisa utilizar-se desta estratégia como um artifício de aproximação com a criança, criando uma ligação, de amizade entre eles. É através desta amizade e confiança que a criança poderá juntar as peças do quebra-cabeça de sua vida, para que, possa reconstruí-la de maneira saudável e completa.

Essas opções são válidas porque respeitam as diferenças individuais e promovem um aprendizado mais adaptado ao estilo de cada um. Quando um aluno se sente à vontade para escolher os instrumentos que funcionam melhor para ele, isso não só facilita o processo de aprendizagem, mas também fortalece sua autoconfiança e motivação. O ato de personalizar o ambiente de estudo é uma forma de empoderamento, permitindo que o aluno se sinta no controle de sua própria educação.

Por isso, é fundamental que educadores e pais incentivem a exploração de diferentes ferramentas e métodos. O que funciona para uma pessoa, pode não ajudar a outra, e essa individualidade deve ser celebrada. O foco, deve estar sempre na adaptação das ferramentas de estudo ao estilo de aprendizagem de cada aluno, criando um espaço onde eles se sintam seguros para explorar e crescer. Isso é especialmente importante para aqueles que enfrentam dificuldades como a dislexia, pois proporciona um suporte que pode fazer toda a diferença em sua trajetória educacional.

Snowling (2000, p. 97), retrata que, “esse transtorno de aprendizagem não apenas compromete as habilidades literárias dos alunos, mas também tem consequências profundas na autoestima e na motivação deles”. Essa perspectiva, é crucial para entendermos a complexidade da dislexia e a necessidade de abordagens educacionais que considerem a totalidade da experiência do aluno.

Segundo Lyon (2001, p. 117), indica que, “O impacto da dislexia na autoestima é particularmente significativo. Os alunos que enfrentam desafios

constantes ao ler e escrever muitas vezes se sentem frustrados e desmotivados, o que pode levar a uma autoimagem negativa”. Sendo assim, a repetição de experiências de fracasso em um ambiente escolar, que valoriza a fluência e a precisão na leitura, pode fazer com que esses estudantes desenvolvam uma percepção de incapacidade, o que, por sua vez, diminui sua confiança em suas habilidades. Essa diminuição da autoestima pode se traduzir em aversão à escola e ao aprendizado, criando um ciclo vicioso que dificulta ainda mais o desenvolvimento acadêmico.

Tais intervenções, podem incluir o fortalecimento da resiliência emocional, o estímulo à autoestima e o incentivo a uma mentalidade de crescimento, onde os alunos aprendem a ver suas dificuldades como parte de um processo de aprendizagem e não como uma definição de suas capacidades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as reflexões dessa pesquisa, mostra a importância perante os desafios da pessoa com distúrbio, deixando à mostra a necessidade de criar formas educacionais diferentes, para apoiá-la. Por isso, esse estudo é uma motivação, para auxiliar a compreensão das atividades neurobiológicas perda que comprometem a leitura e da escrita, tendo objetivo de criar ações para simples, mas precisa, na aprendizagem para que os alunos, possam reconhecer as palavras, percebendo que as dificuldades estão ligadas, nas partes específicas do cérebro, tendo clareza onde é necessário ser trabalhado para auxiliar a criança com dislexia.

Sendo assim, a dislexia é uma condição que exige compreensão, paciência e intervenção especializada para que os alunos afetados possam alcançar seu potencial máximo. Com o diagnóstico precoce e o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, é possível minimizar os impactos dessa condição na vida escolar e promover uma educação inclusiva e de qualidade. Além do suporte técnico, é essencial que a sociedade e o ambiente escolar se conscientizem de que a dislexia não é uma sentença ou um impedimento, mas uma característica que pode ser superada com a intervenção adequada e o respeito às necessidades de

cada aluno. Dessa forma, construímos uma sociedade mais justa e inclusiva, que respeita e valoriza as diferenças de cada indivíduo.

Este estudo reforça a importância de mais pesquisas sobre intervenções educacionais e neurológicas direcionadas, a fim de criar métodos de ensino que realmente atendam às necessidades de alunos disléxicos. A partir desse conhecimento, espera-se que futuros trabalhos possam explorar novos modelos pedagógicos que considerem as particularidades de cada aluno, promovendo um ambiente escolar que, além de inclusivo, seja capaz de potencializar as habilidades dos alunos disléxicos e minimizar os impactos negativos da dislexia em sua vida acadêmica e social.

Portanto, o aluno, ou qualquer outro distúrbio, possui alguma dificuldade que se destaca em relação ao outro. Com isso, acredita-se que a melhor forma de trabalhar com alunos, que possuam distúrbio de aprendizagem, é dentro da sala de aula e sendo um trabalho com variados estímulos, e não excluindo das atividades, mas sim trabalhando de forma esclarecedora com toda a turma, para que através das atividades adaptadas, possam atender às necessidades especiais deste aluno, onde ele terá chances de se destacar frente aos demais, sendo respeitado, e principalmente visto como alguém capaz de participar e, porque não dizer, de superar suas dificuldades.

4. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Diretrizes para a Identificação e Intervenção na Dislexia**. São Paulo: ABD, 2015.

CARVALHO, Ana Carolina; OLIVEIRA, Leandro. **A prática pedagógica na alfabetização de alunos com dislexia**. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2017.

CIASCA, Silvana; CAPELLINI, Sônia A. **Intervenção fonoaudiológica em dislexia**. 1. ed. São Paulo: Editora Manole, 2019.

GOMES, Cristiano M.A. **Feuerstein e a Construção Mediada do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GORDON, Sarah. **Dislexia: fundamentos e práticas educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

HOEFT, Fumiko, et al. **Correlatos neurais da dislexia e intervenção na dislexia**. In: Neuroimagem e dificuldades de aprendizagem: uma revisão abrangente. Nova York: Academic Press, 2006.

HULME, Charles; BROWN, Gavin. **Desenvolvimento da Leitura e o Papel das Habilidades Fonológicas**. 1. ed. Nova York: Psychology Press, 2012.

KERSHNER, James. **Ensinando a leitura: uma perspectiva neuropsicológica**. Nova York: Routledge, 2006.

LYON, Gregory R. **O Futuro da Leitura: O Papel do Cérebro**. Nova York: The National Academies Press, 2001.

LYYTINEN, Pirjo, et al. **O desenvolvimento da leitura e suas bases neurobiológicas**. In: Neuropsicologia do desenvolvimento. Nova York: Psychology Press, 2004.

MARTINS, Davi Barroso; MAGALHÃES, Laura Maria. **Dislexia: Teoria e Prática**. 1. ed. São Paulo: Editora Papirus, 2006.

PENNINGTON, Bruce F. **Diagnosticando distúrbios de aprendizagem: uma perspectiva neuropsicológica**. Nova York: Guilford Press, 2008.

SILVA, Márcia Cristina. **A dislexia e suas implicações educacionais**. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

SHAYWITZ, Sally E. **Superando a dislexia: um novo e completo programa baseado em ciência para problemas de leitura em qualquer nível**. Nova York: Knopf, 2003.

SHAYWITZ, Sally E. & SHAYWITZ, Bennett A. **Distúrbios de leitura e o cérebro**. Scientific American, 292(3), 60-67, 2005.

SINGLETON, Chris. **A Psicologia da Leitura: Da Teoria à Prática**. 1. ed. Londres: Routledge, 2008.

SIMMONS, Fiona R. **O Papel do Processamento Fonológico no Desenvolvimento e na Dificuldade de Leitura**. 1. ed. Londres: Routledge, 2008.

SNOWLING, Margaret J. & HULME, Charles. **Dislexia: um guia abrangente para pais e educadores**. Londres: Routledge, 2012.

VELLUTINO, Frank R., et al. **Dislexia: o papel do déficit no processamento fonológico nas dificuldades de leitura**. In: Manual de psicologia da criança. Nova York: Wiley, 2004.

VELLUTINO, Frank R., et al. **Dislexia de desenvolvimento**: o papel da linguagem e fatores ambientais. *Psicólogo Educacional*, 42(4), 236-252, 2007.

WOLF, Mary. **Proust e a lula**: a história e a ciência do cérebro leitor. Nova York: HarperCollins, 2008.

AS PRÁTICAS LÚDICAS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Helena Mota da Silva¹⁹

Kátia Andréia de Oliveira Brandão²⁰

Jocimeire Maria do Nascimento²¹

Viviane Pereira dos Santos²²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de auxiliar o educador no processo lúdico como instrumento mediador do conhecimento cuja pesquisa observamos que interagir e brincar com os estudantes é fundamental para que elas consigam desenvolver-se. Veremos também que os laços de amizade são importantes e tornam-se mais fortalecidos através das brincadeiras em sala de aula, onde o desenvolvimento de uma relação saudável começa a partir do respeito de uma criança por outra, aprendendo a partilhar dos brinquedos, livros, até mesmo do lanche. O leitor poderá observar que vínculos afetivos, de respeito, amizade, podem e devem ser embasados pelo educador, que consegue através da observação, apaziguar conflitos, discordâncias, sem preferências por essa ou aquela criança. A interação através do lúdico estimula também ao aluno à sua autonomia, fazendo com que ela possa gradativamente sentir-se segura e cada vez mais capaz na realização de variadas tarefas, superando suas habilidades ou dificuldades sociais, ajudando-a na aquisição do conhecimento.

Palavras-chaves: Lúdico. Ensino Fundamental. Metodologia Pedagógica.

ABSTRACT

The objective of this work is to help the educator in playful process as a mediator instrument of knowledge whose research observed that interact and play with students is essential so that they are able to develop. We will also see that friendships are important and become more empowered through play in the classroom, where the development of a healthy relationship starts from about a child by another, learning to share toys, books, even the snack. The reader may

¹⁹ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UFMT/ Universidade Federal De Mato Grosso **Pós-graduação:** Psicopedagogia- Faculdade de Rolim de Moura. leninhamota@hotmail.com

²⁰ **Graduação:** Licenciatura em Letras, UNIDERP Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. Licenciatura em Pedagogia/ Instituto Superior de Educação Alvorada Plus- São Paulo. **Pós-graduação:** Comunicação: linguagens, construção textual e literatura, FAVIM Associação Educacional do Vale do Itajaí- Mirim. Faculdade do Vale do Itajaí – Mirim. **Mestrado:** Mestre em Educação para Ciências da Educação- Faculdade UAB: Universidade Aberta do Brasil. brandaopereira@hotmail.com

²¹ **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, UNITINS/ Fundação Universidade do Tocantins. **Pós-graduação:** Metodologia Multidisciplinar na Educação Básica, FAEL / Faculdade Educacional da Lapa. meire.mm@hotmail.com

²² **Graduação:** Licenciatura em Pedagogia, INVEST/ Faculdade de Ciências e Tecnologias. **Pós-graduação:** Educação Infantil e anos iniciais - Invest- Faculdade de Ciências e Tecnologias. vsantospereira37@gmail.com

note that bonds of affection, respect, friendship, can and should be grounded by the educator, who can through observation, appease conflicts, disagreements without preferences for this or that child. We observed during the survey, that when we do group activities or individual, through play, using it as a facilitator methodology can be taught simple, easy and direct way, teaching skills that do not face barriers by children because they do not the feel an obligation but as happy to participate. The interaction through play also encourages the child to their autonomy, so that it can gradually feel safe and increasingly capable in carrying out various tasks, overcoming your skills or social difficulties, helping in the acquisition of knowledge.

Keywords: Playful. Elementary School. Pedagogical Methodology.

1 INTRODUÇÃO

No Ensino Fundamental toda atenção deve estar voltada para as construções de cada aluno, mesmo que esses apresentem individualidades e características específicas.

Existem estimulações realizadas em seus mais diversos aspectos e tendo a brincadeira com fator chave em suas propostas, onde possibilita à imaginação, a criatividade, a representação e os estímulos ao aluno que se desenvolve brincando.

[...] O educar, portanto significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantil de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. “ [...] (BRASIL, 1998, p. 23).

Conceitua-se lúdico no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Michaelis como: 1. Que se refere a jogos e brinquedos. 2. Que diverte.

[...] O verbo brincar nos acompanha diariamente. Brincar sempre foi e sempre será atividade espontânea e muito prazerosa, acessível a todo o ser humano, de qualquer faixa etária, classe social e condições econômica. Brincar é: comunicação e expressão, associando pensamento e ação, um ato instintivo voluntário, uma atividade exploratória, ajuda as crianças no

seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social, um meio de aprender a viver e não o mero passatempo. (MALUF, 2003, p. 17).

Desta forma, no decorrer desta pesquisa será exposto como base o método investigativo do brincar, dos jogos e das brincadeiras que fazem parte da infância e adolescência de todo ser humano. Salientar que o lúdico é importante no desenvolvimento cognitivo no processo de ensino aprendizagem dos alunos desde muito pequenos. Segundo Sebastiani, 2009 (...) por volta dos três anos de idade, por exemplo, com o desenvolvimento da capacidade simbólica do pensamento jogo simbólico (mais comumente conhecido como “jogo de faz conta”), passa a ser a atividade principal da criança.

2 O LÚDICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL: O ALUNO LEITOR

Projetos de incentivo à formação de leitores são de grande relevância e merecem ter reflexões no ambiente escolar. Atividades lúdicas que trazem no conteúdo poemas, músicas com variados ritmos, oferecem ao aluno a oportunidade de conhecer e ampliar sua experiência com a linguagem oral no primeiro momento.

A sensibilidade dos estudantes começa então a estabelecer um vínculo entre a leitura e a escrita de forma prazerosa, firmando etapas importantes na formação de crianças como leitores.

Ana Paula Brunetti Delgado (2014) diz que “A percepção e a identificação dos elementos de sonoridade presentes no texto poético são importantes nessa fase, pois possibilitam que o aluno perceba a relação entre as representações gráfica e sonora das letras, desenvolvendo à denominada consciência fonológica”.

Projetos de leitura podem ser contextualizados a qualquer temática, privilegiando o estabelecimento de conexões entre as demais áreas do conhecimento.

O docente que trabalha de forma a favorecer o hábito nos estudantes da leitura utilizando músicas já conhecidas, extrai delas lembranças que podem ser identificadas através do reconhecimento da sonoridade de rimas, grafia das letras, aprimoramento da escrita, ampliação do vocabulário, identificação e nomeação de números, aprendizado de presente, passado e futuro e demais singularidades do contexto diário, objetivando a interdisciplinaridade.

A contação de história conduz o estudante à criatividade, aguça a sua imaginação, fazendo com que o mesmo tenha prazer em participar desse momento.

[...] A atividade imaginativa é uma atividade criadora por excelência, pois resulta da reformulação de experiências vivenciadas e da combinação de elementos da vida real. A imaginação constitui-se, portanto, de novas imagens e conceitos que vinculam a fantasia à realidade. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 60).

É necessário contar e encantar os alunos no momento dessa atividade, pois há toda uma linguagem corporal, emocional e expressiva, através dos gestos das mãos, da voz com fala adequada, da expressão do olhar e do movimento do corpo como um todo. Como uma peça de teatro em sincronia.

Essa dinâmica favorece a interação do professor com os alunos e isso a ludicidade traz, dá vida à contação de história. Esse envolvimento faz os estudantes sentirem prazer em participar de forma agradável e lúdica a elas.

Nesse sentido, a contação de história é muito importante, incentiva à prática da leitura que nos dias atuais, com a tecnologia avançada, foi esquecida. Favorece a linguagem oral e escrita, que remete numa escrita correta, fala adequadamente. É um instrumento importante no ensino aprendizagem dos alunos, pois colabora no desenvolvimento cognitivo da criança, na sua percepção, criatividade, coordenação motora, socialização com os demais em sala, favorece ao senso crítico.

Desse modo, o lúdico enriquece as aulas, incentiva o gosto pela leitura de forma prazerosa, ao mesmo tempo como se fosse um entretenimento, os alunos aprendem brincando.

[...] brincar é um meio pelo qual a criança vai organizando suas experiências, descobrindo e recriando seus sentimentos e pensamentos a respeito do mundo, das coisas e das pessoas com as quais convive. Por isso, quanto mais intensos e variáveis forem à brincadeira e o jogo, mais elementos oferecem para o desenvolvimento mental e emocional. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 85-86).

Segundo Lippmann (2009), “Por meio dos jogos, as crianças exercitam sua inteligência e compartilham experiências, o que ocasiona o desenvolvimento da autonomia e a descoberta das propriedades dos objetos e de suas formas lógicas”.

O ensino da matemática de forma tradicional acaba por se aproximar de práticas abstratas, há necessidade do encantamento que o lúdico traz para que as aulas sejam agradáveis. Os alunos conseguem aprender, desenvolvem o raciocínio lógico dos conteúdos matemáticos, através dos jogos pedagógicos, como por exemplo: memória de quantidade, ensinar número por meio de problemas, cartelas, espiral numérica, jogos de cartas, animais, batalha, relógio, etc.

Nessa faixa, o objetivo é ampliar e aprofundar as oportunidades de aprendizagem para que os alunos sejam capazes de reconhecer e valorizar os números, as operações numéricas, as contagens orais e as noções espaciais para o cotidiano. E também, usando a linguagem oral, a linguagem verbal e a linguagem matemática, poder comunicar ideias matemáticas, hipóteses, processos utilizados e resultados encontrados em situações – problema relativo a quantidades, espaço físico e medida.

Então o conhecimento matemático pode ser desenvolvido de modo teórico prático, juntos com metodologias lúdicas que vão enriquecer as aulas, de maneira que todas gostem da disciplina.

2.1 A caminhada metodológica na linguagem verbal e não verbal

Caracterização quanto ao seu objetivo: A pesquisa exploratória tem por objetivo prover o pesquisador de maior conhecimento do tema ou problema de pesquisa em perspectivas. É apropriada para os primeiros estágios de investigação, quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno por parte do pesquisador são, geralmente, pouco ou inexistente. É útil quando se tem uma noção vaga do problema de pesquisa (GIL, 2010).

Caracterização quanto sua natureza: classifica-se como pesquisa aplicada, pois essa objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais (MORESI, 2003).

Caracterização quanto a sua abordagem: Classifica-se em pesquisa qualitativa, por entender que as pesquisas qualitativas trabalham com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto em que algum fenômeno ocorre. Seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas (LANDIM, 2006).

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos autores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (GIL, 2010).

Em relação ao brincar, hoje com os videogames, jogos e desenhos multimídias, celulares, *tablets*, computadores, a construção da linguagem verbal e não verbal completa-se ao redor do estudante mesmo fora do ambiente educacional.

Neste sentido, nota-se que o jogo, as brincadeiras denotam a impressão de uma atividade organizada, enquanto a brincadeira ocorre enquanto há motivação. Campos (2005) discorre que as brincadeiras podem ter regras, ou não, e ocorre de

maneira voluntária. Já o jogo é realizado com duas ou mais pessoas e sempre apresenta um vencedor.

No processo ensino-aprendizagem, com a utilização do lúdico, Vilela (2008) menciona que os parâmetros curriculares nacionais apresentam uma série de orientações metodológicas para as atividades escolares, onde enfatizam as ações ligadas à ludicidade como ferramenta didática em busca da conquista do interesse do aluno para aprender a aprender de forma interativa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, pode-se confirmar que o espaço da sala de aula não é o único onde se constrói o conhecimento da linguagem verbal e não verbal do aluno. É necessário que se dê o real valor à imaginação, as práticas lúdicas ao multiculturalismo e às múltiplas linguagens.

Todo cidadão é ao mesmo tempo educador e educando. Todos nós ensinamos e aprendemos. Com isso, precisamos estar atentos na compreensão da metodologia aplicada em sala de aula, observando, analisando, adaptando novas ferramentas que propiciam prazerosamente, através do lúdico, o conhecimento ao estudante.

Propondo-nos a observar os estudantes, não ficaremos paralisados na “mesmice” das atividades culturais do calendário dos feriados, pois o interesse do educador deve ser o de trabalhar de forma autônoma, sabendo refletir e, sobretudo intervir quando necessário, nas formas de organização do conhecimento escolar.

Colorir, dançar, pular, cantar, contar, falar, pintar, dramatizar, propicia o encantamento para que aconteça a libertação da imaginação do aluno, pois estamos trabalhando com pessoas de múltiplas possibilidades, onde a diversidade propicia diferentes saberes, estimulando a escrita da língua portuguesa e

emergindo a vivência democrática da cultura onde é resgatada a memória coletiva e a heterogeneidade cultural.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A&E Revista do Sistema Positivo de Ensino. Ano 14. Nº 22, julho/2013, p.9, 29, 31

A&E Revista do Sistema Positivo de Ensino. Ano 14. Nº 23, outubro/2013, p.35-37.

BESSA, Valéria da Hora. / Teorias da Aprendizagem. 2.ed.- Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011. 264p.

BRANCO, Sandra. **Meio Ambiente e Educação Ambiental na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.** São Paul: Cortez, 2010.

HOLLE, Britta. **Desenvolvimento motor na criança normal e retardada.** São Paulo: Manole, 1976.

FERRAZ, Maria Heloísa C.de T., FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Projetos de Pesquisa.** - 5. ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

HAETINGER, Max Gunther, 1964- **Movimento-** 1 ed. rev. –Curitiba PR: IESDE Brasil, 2012. 120p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais infantis: O jogo, a criança e a educação.** Petrópolis: Vozes 1993.

KUENZE, Acácia Z., **Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização e sociedade.** Revista da Ciência da Educação. 100. Volume 28. Número especial, Campinas, 2007.

LANDIM, F. L. P., et al. **Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo-quantitativa.** Revista Brasileira em Promoção da Saúde. Fortaleza, v.19, n.1, p. 53-58, 2006.

LIPPMANN. Luciane. **Ensino da Matemática.** - Curitiba, PR:IESDE Brasil, 2009. 220 p.

A CRIANÇA DISLÉXICA E SUAS AÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

Carlos Palmeira Campos²³

RESUMO

Este estudo aborda o perfil da criança disléxica e suas características no contexto escolar, com foco nos desafios enfrentados durante o processo de Alfabetização. Onde possa, escrever e compreender textos, sem relação com a inteligência da criança, pois a dislexia retrata características cerebrais. Esses desafios, que incluem lentidão na leitura, dificuldades de soletração e confusão entre letras e sons, podem se manifestar de forma precoce, especialmente durante as fases iniciais de aprendizado. Os objetivos deste estudo são, identificar as características, que marcam o perfil da criança disléxica no ambiente escolar; compreender como essas dificuldades impactam o desempenho do aluno e, propor estratégias de apoio pedagógico adequadas para o desenvolvimento dessas crianças. Para isso, utilizamos uma metodologia composta por uma revisão bibliográfica, além de verificação de estudos de caso, com crianças diagnosticadas com dislexia. A revisão bibliográfica, abrange literatura científica e relatórios especializados sobre dislexia, enquanto a observação participativa permite captar, em contexto prático, como o transtorno se manifesta. O aluno passa a analisar o local de estudo, como um ambiente, onde ela se sente incapaz, ou seja, faz com que ela não queira mais fazer parte desse local. Para muitas crianças, a maneira de aprender a ler, ocorre de forma muito natural e tranquila, mas para as crianças com Dislexia, isso representa sofrimento, angústia e dor. Dessa forma, essas ações, visam mapear as dificuldades e necessidades dos profissionais em adaptar o ensino. Por fim, os estudos de caso ilustram o progresso das crianças frente a intervenções específicas. Assim, esse estudo visa, auxiliar para inovação de atividades pedagógicas, que possam ajudar a minimizar o impacto desse distúrbio na escola, oferecendo subsídios para que professores e familiares, possam apoiar as crianças no fortalecimento da confiança e no progresso acadêmico.

Palavras-chave: Dislexia. Criança. Escola. Adaptação.

ABSTRACT

This study addresses the profile of dyslexic children and their characteristics in the school context, focusing on the challenges faced during the literacy process. writing and understanding texts, unrelated to the child's intelligence. These

²³**Graduação:** Licenciatura em História, UFAM/ Universidade Federal do Amazonas. **Especialização:** Docência do ensino superior / Candido Mendes. Gestão escolar, UEA /Universidade Estadual do Amazonas. Tutoria escolar, UFAM/ Universidade Federal do Amazonas. ABA /academia do Autismo. Tecnologia educacional, UEA / Universidade do Estado do Amazonas **Mestrado:** Ciências da Educação, UNIDA/ Universidad de la Integracion de Las Americas. campos.palmeira@gmail.com.

challenges, which include slow reading, spelling difficulties, and confusion between letters and sounds, can manifest early, especially during the early stages of learning. The objectives of this study are: to identify the characteristics that mark the profile of dyslexic children in the school environment; understand how these difficulties impact academic performance and propose appropriate pedagogical support strategies for the development of these children. For this, we used a methodology composed of a literature review, participatory observation in a school environment, interviews with educators and health professionals, as well as case studies with children diagnosed with dyslexia. The literature review covers scientific literature and specialized reports on dyslexia, while participatory observation allows us to capture, in a practical context, how the disorder manifests itself. The interviews, carried out with teachers and psychopedagogues, aim to map the difficulties and needs of professionals in adapting teaching. Finally, the case studies illustrate the progress of children in the face of specific interventions. This study aims to contribute to the development of pedagogical strategies that help minimize the impact of dyslexia at school, offering subsidies so that teachers and family members can support children in strengthening confidence and academic progress.

Keywords: Dyslexia. Child. School. Adaptation.

1. INTRODUÇÃO

Após a pandemia, muitas crianças enfrentaram desafios no retorno às aulas, e muitas vezes, foram atribuídos todos os problemas, que elas apresentaram ao período de isolamento. No entanto, é importante considerar que algumas dificuldades podem estar relacionadas a transtornos de desenvolvimento, como a dislexia. Esse transtorno, afeta entre 5% e 20% da população infantil, tornando-se comum, mas frequentemente analisado.

Nesse processo, esses alunos também enfrentam muitos problemas, com a fala e isso inquieta muito. Muitas vezes, é encontrado no espaço escolar, crianças com necessidades especiais, com diferentes níveis de conhecimento, ou porque os educadores não dão a devida atenção ao assunto e, sem ter uma formação a respeito da Dislexia, ou, porque essa dificuldade é complexa e necessita de mais estudos, onde a escola possa oportunizar momentos, para que, o professor aprenda a verificar e, a cuidar dessas crianças com Dislexia.

Essas crianças sentem dificuldades, em transformar sons, para escrita e, isso vai ser importante para aprendizagem escolar. Por isso, este estudo também defende a necessidade de um diálogo constante entre especialistas, educadores e familiares.

Sendo assim, ao identificar esses desafios, é essencial que educadores e pais, estejam atentos perante as amostras e, não atribuam todas as dificuldades das crianças, ao impacto da pandemia. Assim, o objetivo desse trabalho, é para a conscientização sobre esse transtorno, mas fornece diretrizes práticas e recomendações, para intervenções que possam ser aplicadas no ambiente escolar. Essa abordagem, permitirá que as crianças disléxicas alcancem seu potencial máximo, criando um espaço, onde todos possam aprender de forma integral e significativa, independentemente de suas dificuldades.

Para o desenvolvimento desse contexto, a abordagem metodológica adotada será de revisão de conteúdos, buscando integrar os estudos de autores, permitindo, uma compreensão profunda do tema, verificando suas causas, características e intervenções educacionais. Essa revisão traz as principais pesquisas já realizadas e, entender como a dislexia é tratada na literatura, além de evidenciar aberturas, que o presente estudo possa preencher.

Os resultados da pesquisa, seguidos por uma discussão, que interpretará esses estudos, discutirá suas implicações para a prática educacional. Por fim, a conclusão resumirá os principais estudos e, sugerirá direções para futuras intervenções, contribuindo para um entendimento mais aprofundado e uma abordagem mais social, em relação à dislexia no ambiente escolar.

Assim, é fundamental que educadores e profissionais, estejam preparados para reconhecer e entender o perfil da criança. Compreender as dificuldades, dessa condição, pode contribuir, para a criação de um ambiente escolar mais social e acolhedor, onde essas crianças possam se desenvolver plenamente. Assim, é necessário a promoção de práticas educacionais, que atendam às necessidades específicas, sendo um ato importante para garantir que todos tenham

a oportunidade de alcançar as capacidades, promovendo assim, um aprendizado mais efetivo e significativo.

2. A ESCOLA E A DISLEXIA

Na história da Educação, anteriormente as pessoas com transtornos, eram vistas de várias maneiras pela sociedade. Muitas delas, eram deixadas pelos próprios familiares, que não aceitavam essas dificuldades. Através disso, ABD (2020, p. 25), explica que, “esse transtorno não tem relação com a inteligência, podendo afetar qualquer pessoa, o tempo na vida”. Por isso, é necessário, observar como desenvolvem os alunos, perante a aprendizagem.

Rose (2009) informa que:

[...] Os professores, precisam estar atentos, aos sinais de Dislexia e, consigam desenvolver uma compreensão maior perante as dificuldades, que esses alunos enfrentam, garantindo que suas necessidades educacionais sejam atendidas. Estratégias de ensino diferenciadas são fundamentais para ajudar as crianças, garantindo que todos tenham, a oportunidade de aprender de forma simples (ROSE, 2009, p. 34).

Quando o professor, cria suas estratégias de ensino, levando em conta as necessidades dessas crianças, ele não só facilita o que ensina, mas contribui para a motivação e o emocional dos alunos.

Reid (2016, p. 18) enfatiza que “a intervenção e o apoio adequado, ainda na infância aumentam as chances, de que o indivíduo, consiga minimizar os impactos da dislexia, na vida adulta”. Por meio de atividades e, o treinamento fonoaudiológico e a intervenção psicopedagógica, a criança pode desenvolver estratégias compensatórias, que facilitam a compreensão de textos, em seu aprendizado geral.

Sendo assim, o trabalho com novas tecnologias, também tem possibilitado intervenções mais reais, ajudando a pessoa disléxica a superar as dificuldades associadas ao transtorno. Entretanto, ao afeta a capacidade de ler, escrever e, muitas vezes, o ato de processar informações de maneira correta. Embora essa

condição possa apresentar desafios significativos, ela não reflete a inteligência da criança.

Wallon (1995, p. 78) revelou que, o “as práticas auxiliam nas emoções, onde mostra oportunidades essenciais, sendo de grande importância para pessoa”. Por isso, a ligação do afeto com o professor e aluno, onde o processo de ensino, é o recurso fundamental nas relações e, vivência com grupo escolar.

De fato, muitos indivíduos com dislexia possuem uma inteligência, média ou até superior à média, mas enfrentam barreiras, que dificultam a sua capacidade de aprender, da mesma forma que seus colegas. Por isso, o apoio e a intervenção adequados desde a infância são importantes, para ajudar essas crianças a superarem suas dificuldades.

A criança com dislexia, precisa se sentir capacitada, para isso, é necessário sempre valorizar os acertos e, não destacar somente os erros. Isso pode ser feito em todas as horas, observando seu cotidiano. É necessário observar, em quais períodos, o aluno tem melhores resultados, seja à tarde, ou, pela manhã ou à noite, sozinha ou acompanhada, fazendo intervalos de 15 minutos ou meia hora etc.

Reid (2016, p. 18) enfatiza que “a intervenção e o apoio adequados ainda na infância aumentam as chances, para evolução escolar, quebrando barreiras na superação do dia a dia”. Essa afirmação ressalta, a importância de uma análise inicial, ajudando nas necessidades individuais de cada aluno. Quando as crianças, são identificadas com dislexia logo nos primeiros anos escolares, elas têm a oportunidade de receber uma análise mais rápida, que podem fazer uma diferença enorme. Por exemplo, estratégias como a prática da consciência fonológica — que envolve a habilidade de reconhecer e manipular os sons da fala — são fundamentais para desenvolver a habilidade de leitura.

Segundo o Ministério da Educação (2015), explica que, “a identificação precoce das dificuldades de aprendizagem e a adoção de intervenções adequadas são essenciais para que o aluno com dislexia possa ter um desenvolvimento escolar satisfatório.” Além de adaptar o currículo e as atividades, é fundamental que os

professores mantenham uma comunicação aberta com as famílias, para que o suporte continue fora do ambiente escolar. Essa colaboração é vital para criar um espaço de aprendizado positivo e acolhedor.

Segundo Silva (2018, p. 36), mostra que, “a grande questão da dislexia é não a tornar um problema, deixando o preconceito de lado, pois a criança disléxica não é menos inteligente que qualquer outra criança”. Dessa maneira, tem o mesmo potencial de aprendizado, contudo apenas aprende de uma forma diferente. Essa forma, a ajuda em diversas ocasiões, sendo que, tem-se diversos disléxicos, entre as pessoas de sucesso, como a escritora de livros, o autor da teoria da evolução, alguns presidentes americanos e, astro de basquete.

Nunes (2016, p. 45), afirma que, “família e escola, são fundamentais, para o sucesso do processo educativo, especialmente para alunos que enfrentam dificuldades”. Entretanto, cada criança é única e, portanto, é necessário um olhar atento, e individualizado, para identificar as melhores estratégias que funcionam para cada uma delas. Isso pode incluir a utilização de técnicas auxiliares, que produza diferentes sentidos, como audição, visão e tato, para tornar o aprendizado mais acessível e menos desafiador.

Assim sendo, cabe aos educadores, como mediadores do conhecimento, compreender a Dislexia e a partir disso, desenvolver meios para um melhor aproveitamento escolar. Apenas um trabalho multidisciplinar terapêutico, pode favorecer o desenvolvimento da aprendizagem, pois um Disléxico será sempre um Disléxico.

Para Correia (2008, p. 91), indica que, “colocando as metodologias personalizadas, como o uso de tecnologia e atividades lúdicas, pode ajudar a tornar o aprendizado mais acessível e menos desanimador, para esses alunos”. Além disso, estratégias que ligam o acompanhamento dos profissionais de saúde e o apoio da família fortalecem o processo educacional, criando um contexto variado, onde a criança é incentivada a superar suas dificuldades e a desenvolver uma autoestima mais feliz.

Sendo assim, tem a necessidade professor é o maior responsável por facilitar o dia a dia do disléxico, criando alternativas de trabalho dentro e fora da sala de aula através da prática de repassar ao aluno o resumo do programa a ser desenvolvido e quais os métodos que serão utilizados.

Para Fonseca (2002, p. 103), indica que, “o professor, precisa usar vários recursos de apoio para apresentar as atividades de sala, além de usar de forma organizada a lousa, recursos que evitem a falta de motivação”. Por isso, por não se tratar de uma doença, e sim uma condição do indivíduo, que o faz enxergar o mundo de uma maneira diferente, com um raciocínio rápido e próprio, necessita de instrumentos que motivam e incentive o estudo.

Em resumo, é uma forma diferente de raciocinar diferenciado, onde precisam de outros métodos, além dos tradicionais de alfabetização, pois estes envolvem uma forma de pensar diferente. Cabe ao indivíduo disléxico, orientado pelas profissionais competentes, encontrar formas de aprender dentro desse contexto.

2.1. Escrita e Leitura perante Dislexia

Dentre as teorias de aquisição da linguagem escrita, destacam-se dois modelos que explicam como ocorre a leitura. O primeiro modelo sugere que a rota fonológica, responsável pela análise fonética de cada palavra, acontece antes da ativação da rota lexical, que permite o acesso visual ao léxico.

Batista (2001, p. 28), explica que “esse modelo, ao aprender a escrever, a pessoa inicialmente pensa no som da palavra, utilizando uma estratégia na escrita para registrá-la”. Somente após essa etapa, é que se organiza a escrita, permitindo que a criança escreva palavras, inclusive aquelas de forma irregular.

O contexto do letramento, é um elemento crucial na formação educacional de crianças, especialmente aquelas que enfrentam desafios como a dislexia. A dislexia é um transtorno de aprendizagem que afeta a capacidade de ler e escrever

de maneira fluente, embora a inteligência da criança possa ser perfeitamente normal ou até acima da média. Assim, compreender o letramento sob a perspectiva da dislexia requer uma análise cuidadosa e humanizada das experiências que essas crianças vivenciam.

O letramento, não é apenas a capacidade de decifrar palavras, mas envolve uma compreensão mais ampla da linguagem e a habilidade de se comunicar efetivamente.

De acordo com Soares (2004, p. 37), indica que, "o letramento, envolve a prática social da leitura e da escrita em diferentes modelos e com diferentes ações." Para crianças disléxicas, essa prática pode se tornar um desafio. Elas muitas vezes enfrentam uma luta interna, onde a vontade de aprender e se expressar é ofuscada pelas dificuldades que encontram. Essa luta não deve ser minimizada ou vista como falta de interesse.

Como ressalta a pesquisadora Shaywitz (2003, p. 77), "a dislexia afeta a capacidade de reconhecer e manipular sons, dificultando a decodificação e a compreensão de palavras escritas." Portanto, é fundamental que educadores e familiares compreendam que as dificuldades enfrentadas por essas crianças são resultado de um transtorno específico, não de uma falta de capacidade ou motivação.

Vellutino et al. (2004, p. 22), "estratégias de ensino que integram diferentes modalidades de aprendizado podem facilitar a experiência de letramento." Essas estratégias incluem o uso de métodos simples e funcionais, que permitem que as crianças interajam com o conteúdo de maneiras variadas, engajando diferentes sentidos e facilitando a assimilação do conhecimento. Por exemplo, atividades que combinam leitura em voz alta com o uso de imagens ou gestos podem ajudar as crianças a conectarem a palavra escrita ao seu significado, tornando o aprendizado mais acessível e significativo.

Além disso, é importante que a escola adote uma abordagem inclusiva que reconheça a diversidade das necessidades de aprendizagem. A colaboração entre

educadores, especialistas em dislexia e familiares é fundamental para criar um ambiente de apoio.

Como menciona o documento da Organização Mundial da Saúde (2020), “a promoção da saúde mental e o apoio psicológico devem ser integrados às práticas pedagógicas, a fim de garantir um desenvolvimento harmonioso da criança.” Essa integração é essencial para que as crianças disléxicas se sintam valorizadas e incluídas no processo de aprendizado, desenvolvendo não apenas habilidades de leitura, mas também autoconfiança e motivação para aprender.

Como aponta Reid (2016, p. 18), “a intervenção e o apoio adequados ainda na infância aumentam as chances de que o indivíduo consiga minimizar os impactos da dislexia na vida adulta.” Assim, ao criar um ambiente escolar que priorize o bem-estar emocional e o desenvolvimento acadêmico, estamos investindo em um futuro mais positivo para essas crianças.

Dessa forma, a intervenção e o apoio adequado, são fundamentais para ajudar criando um ambiente escolar, que cuide e, valorize o desenvolvimento. E isso significa, que a escola deve ser um espaço, onde os alunos disléxicos se sintam acolhidos, compreendidos e incentivados a participar das atividades, sem o medo do fracasso.

Apoiar essas crianças, também é valorizar o desenvolvimento de suas habilidades emocionais, ajudando-as a construir autoconfiança.

Portanto, investir em um ambiente educacional, atencioso é uma maneira de construir um futuro mais positivo para essas crianças. A escola se torna um espaço onde, além do aprendizado acadêmico, se aprende sobre coragem, e amizade. Isso contribui para que, na vida adulta, esses indivíduos possam lidar com as demandas do mundo com mais segurança e com uma base sólida de autoestima, reduzindo o impacto da dislexia em sua rotina.

Portanto, investigações que possam esclarecer alguns pontos que certamente ensejem novos aportes investigativos sobre o objeto de estudo. Além

disso, as intervenções permitem, que as crianças recebam a ajuda, de que precisam, além de criar um ambiente motivado.

Assim, a dislexia não deve ser encarada como uma grande dificuldade, mas como uma parte que requer compreensão e meios adequados. Com o conhecimento, da leitura e a identificação inicial, educadores e família, podem trabalhar juntos, para criar intervenções vitorias não apenas as crianças disléxicas, mas todo o grupo escolar.

2.2. Um conhecimento integral com uso tecnológico na aprendizagem das crianças disléxicas

Cada vez mais importante, destacar que a aquisição da linguagem escrita não ocorre de forma tão natural quanto a linguagem oral. Enquanto a criança, em um ambiente linguístico enriquecido, pode desenvolver habilidades orais com relativa facilidade, a alfabetização exige uma exposição e instrução formal.

É nesse contexto que surge a dislexia, como um transtorno que não se limita a um número reduzido de indivíduos, mas afeta uma parte significativa da população. De acordo com dados da pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), muitos alunos brasileiros enfrentam dificuldades em compreender textos simples, evidenciando um problema sério na aquisição da leitura e escrita em nosso país.

É importante entender, que a dislexia é um transtorno que, embora permanente, pode ser superado. A ajuda cedo, e o uso de tecnologias podem reduzir os efeitos da dislexia na vida da criança, permitindo que ela aprenda estratégias que ajudem no seu aprendizado. O diagnóstico, deve ser feito por uma equipe de profissionais, incluindo educadores, fonoaudiólogos, psicopedagogos e médicos, para garantir que a criança receba o apoio que precisa em todas as fases do seu desenvolvimento.

Nascimento, (2011, p. 53), indica que, “é urgente que educadores e responsáveis conheçam e compreendam a dislexia, suas características e suas implicações no aprendizado. A adoção de práticas pedagógicas inclusivas, combinadas ao uso consciente de tecnologias como os celulares, pode transformar o cenário educacional para crianças disléxicas, promovendo não apenas sua alfabetização, mas também sua inclusão social e emocional.

Ao reconhecermos as particularidades e os potenciais desses alunos, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde cada indivíduo tem a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Compreender essas dinâmicas cerebrais é essencial para criar programas de tratamento que realmente auxiliem os alunos. É fundamental que, ao trazer um diagnóstico de dislexia, também sejam apresentadas possibilidades de intervenção adequada, alinhadas ao funcionamento cognitivo e neurológico do indivíduo.

Segundo Rack (1994, p. 99) indica que, “não adianta diagnosticar se não oferecermos caminhos eficazes para a intervenção”. Essa abordagem deve ser integrada, envolvendo educadores, fonoaudiólogos e psicopedagogos, para que a criança receba o suporte necessário em todos os aspectos de seu aprendizado.

Wolf (2007, p. 41), mostra que, “a nomeação rápida, por sua vez, refere-se à capacidade de uma criança de acessar rapidamente nomes de objetos, que é crucial para o desenvolvimento da leitura”. Por isso, essas crianças com dificuldades nessa área podem parecer ter um vocabulário limitado, mas isso pode ser resultado da dificuldade em acessar os fonemas necessários para articular as palavras, e não uma falta de conhecimento. Assim, a memória de trabalho, que é essencial para armazenar temporariamente informações enquanto a criança realiza tarefas de leitura, também deve ser desenvolvida.

Para Frith(1999,103),explica que, “as pesquisas indicam que a ativação de áreas específicas do cérebro durante a leitura está diretamente ligada à eficácia

do processamento fonológico”. Portanto, programas de intervenção que reforcem essas habilidades podem não apenas auxiliar na superação das dificuldades de leitura, mas também permitir que a criança desenvolva um processamento mais fluente ao longo do tempo.

A capacidade de um leitor fluente de reconhecer palavras rapidamente, acessando um arquivo mental de palavras conhecidas, é um objetivo que deve ser alcançado através de métodos de ensino adequados.

Diante do texto, é essencial compreender o impacto das estratégias pedagógicas personalizadas no desenvolvimento de crianças disléxicas, especialmente ao considerar as evidências de que disléxicos enfrentam dificuldades profundas ao longo de sua trajetória escolar.

De acordo com as pesquisas de Ogie (2020, p. 72), esclarece que, “adultos disléxicos frequentemente relatam lembranças de sofrimento e frustrações relacionadas à escola”. Esse sofrimento muitas vezes decorre da ausência de apoio adequado e de uma abordagem pedagógica inclusiva, por isso a didática inclusiva surge, então, como uma resposta essencial para modificar o quadro vivenciado por alunos com dislexia.

Como destaca Ogie (2020, p. 28), mostra que, “a dislexia afeta os processadores fonológicos, mas também atinge outros aspectos da leitura, como o processamento semântico e visual”. Portanto, estratégias que explorem diferentes vias de aprendizagem, como o uso de recursos audiovisuais, materiais de apoio que permitam segmentar o texto, uso de marcadores de texto e revisões mais pausadas e fragmentadas — têm um papel significativo na facilitação da leitura e compreensão dos alunos disléxicos.

A inclusão de metodologias baseadas no método fônico, por exemplo, auxilia no desenvolvimento da consciência fonológica, ferramenta essencial para a leitura fluida e compreensão de palavras.

Nesse sentido, Barbosa de Deus e Dallari (2015, p. 53) argumentam que, “estratégias educacionais devem considerar não apenas o ritmo de aprendizagem dos alunos”. Assim, também suas particularidades cognitivas, permitindo a eles uma aprendizagem realmente significativa e inclusiva.

Ademais, o papel do professor é fundamental. A parceria entre professores, pais e a própria criança é crucial para entender e respeitar as necessidades específicas de cada aluno disléxico, como sugerido por

Gomes (2002, p. 170) mostra que, “adaptação de provas, o uso de tecnologia para acesso ao conteúdo e o apoio visual são práticas que não apenas facilitam a compreensão, mas também fortalecem a autoestima do aluno”. Sendo assim, a valorização dessas práticas torna os alunos interessados e aprendem de forma mais real.

Segundo Savulescu (2015), mostra que:

[...] Os jogos, na aprendizagem impacta diretamente na formação da identidade e autoconfiança do aluno ao longo de sua vida escolar e acadêmica. Os jogos, devem conter atrativos às crianças, coisas que chamem suas atenções e que possam trazer um elo, com o seu mundo real, o que possibilitará uma abertura, uma aproximação. Mesmo utilizando diversos jogos, não podemos deixar de citar que a participação da família é de extrema necessidade, reforçando o vínculo de amizade e confiança, para que a criança consiga superar sua dificuldade, aceitando-se e colaborando para as possíveis mudanças que ocorrerão. (SAVULESCU 2015, p. 12).

Dessa forma, a aprendizagem é algo precisa ser simples, mesmo que não tenha receitas prontas. Estimular e desenvolver as habilidades, de cada criança com transtorno, é importante para sua aprendizagem, tornando-a assim, mais natural e alegre. Às vezes, esses diversos fatores são investigados, mesmo assim ela continua com a dificuldade, não evolui.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compromisso da escola não é somente com o ensino, mas, principalmente com a aprendizagem, o trabalho com estes alunos só termina quando todos os recursos forem usados para que todos aprendam e principalmente

quando este objetivo for alcançado. As metodologias possibilitaram um entendimento mais profundo e embasado, fundamentando a discussão do artigo com dados consistentes e abrangendo não apenas a dimensão cognitiva da dislexia, mas também as implicações emocionais e sociais que influenciam a vida escolar das crianças.

Ao adotar essa combinação de métodos, o estudo pôde explorar diferentes facetas do problema, contextualizando o perfil da criança disléxica e propondo caminhos para que o ambiente escolar se adapte a essas especificidades, visando ao desenvolvimento integral da criança. Por meio dessa metodologia, buscou-se sintetizar o conhecimento existente, revelando um panorama detalhado que destaca a importância de intervenções pedagógicas adaptadas às necessidades específicas de crianças disléxicas.

Os resultados, indicaram que essas crianças apresentam dificuldades na decodificação de palavras e na compreensão de textos, aspectos diretamente ligados à maneira como o cérebro processa a leitura. Esses desafios não se limitam à área de linguagem e leitura, pois também afetam habilidades sociais e emocionais, como a autoconfiança e a motivação, que são essenciais para o desenvolvimento escolar.

Além disso, o estudo revela que as crianças com dislexia podem ser beneficiadas por estratégias pedagógicas específicas, como o uso de tecnologias assistivas, atividades que envolvem, e o suporte emocional e psicológico oferecido tanto pela escola quanto pela família. As técnicas de ensino direcionadas que foram destacadas ao longo do artigo apontam para uma necessidade de capacitação continuada dos profissionais da educação e para a integração de métodos diferenciados que respeitem o tempo e as dificuldades de cada criança.

Conclui-se, portanto, que o contexto escolar desempenha um papel fundamental na vida da criança disléxica. Ao proporcionar um ambiente acolhedor e ajustado às particularidades desses estudantes, a escola pode promover um desenvolvimento mais completo e inclusivo, permitindo que a criança construa sua

autoestima e se engaje de forma significativa no processo de aprendizagem. Assim, o estudo reforça a importância da formação de professores e da conscientização das famílias e das comunidades escolares sobre a dislexia e suas implicações, garantindo uma abordagem educativa mais inclusiva e respeitosa às diversidades de aprendizado.

Esse trabalho contribui, para a literatura ao esclarecer e exemplificar a importância de práticas pedagógicas e, de apoio especializado para crianças disléxicas, reforçando que a colaboração entre escola, família e equipe multidisciplinar é fundamental para a construção de um ambiente de aprendizagem que valorize e incentive o potencial de cada criança.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Manual de apoio educacional**. São Paulo: ABD, 2020.

BARBOSA, Beatriz de; DALLARI, Suely Gomes. **Inclusão Educacional e Direitos Humanos**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Brasília, DF: Senado Federal, 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CORREIA, Lisete Maria. **A inclusão em educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONSECA, Vanessa. **Dislexia e os transtornos de aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

FRITH, Uta. **A neuropsicologia da leitura.** São Paulo: Editora Psicologia, 1999.

GOMES, Bruno. **Deficiência específica de leitura (dislexia): o que aprendemos nas últimas quatro décadas?** Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 45, n. 1, p. 2-40, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Inclusão educacional de pessoas com deficiência:** guia para educadores. Brasília, DF: MEC, 2015.

NUNES, Raquel Cristina. **A relação escola-família e a importância do vínculo no processo de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

NASCIMENTO, Aline do; SOARES, Andréa. **Perspectivas da inclusão: desafios e conquistas.** São Paulo: Editora UFMG, 2011.

OGIE, Patrick. **O impacto da intervenção precoce em crianças disléxicas.** Journal of Learning Disabilities, v. 53, n. 2, p. 123-135, 2020.

OLIVEIRA, Maria Fernanda. **O Papel das Adaptações Curriculares na Educação Inclusiva.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

REID, Gavin. **Dislexia:** uma abordagem prática para pais e professores. São Paulo: Summus, 2016.

RACK, James. **Dislexia:** uma perspectiva clínica. Oxford: Blackwell Publishing, 1994.

SOARES, Maria de Fátima. **Letramento:** um conceito em construção. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ROSE, Judy A. **Inclusão e dislexia:** orientações para educadores. São Paulo: Pearson, 2009.

SAVULESCU, Julian. **Bioética:** princípios e perspectivas contemporâneas. Lisboa: Editorial Presença, 2015.

SILVA, Maria Emanuela de Souza. **Compreendendo a dislexia: manual para pais e professores.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

VELLUTINO, Frank R.; FLETCHER, Jack M.; SNOWLING, Margaret J.; SCANLON, Donna M. **Dislexia:** o que aprendemos nas últimas quatro décadas? Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 45, n. 1, p. 2-40, 2004.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1995.

WOLF, Maryanne. **Proust e o lula**: a história e a ciência do cérebro leitor. Nova York: HarperCollins, 2007.

ASPECTOS LEGAIS E DESAFIOS NA PRÁTICA DA INCLUSÃO DE ALUNOS DISLÉXICOS

Carlos Palmeira Campos²⁴

RESUMO

Este estudo, examina os aspectos legais e os desafios práticos envolvidos na inclusão de alunos disléxicos no ambiente escolar. A legislação, perante a educação inclusiva, busca garantir o direito ao aprendizado para todos, incluindo adaptações específicas para estudantes com dislexia. Contudo, a implementação dessas adaptações enfrenta barreiras, como a falta de formação específica para professores e, a ausência de atividades e apoio especial, nas escolas. Analisa, Leis e diretrizes nacionais e internacionais, que amparam o atendimento a alunos com dislexia, destacando a necessidade de métodos diferenciados, como provas adaptadas, tempos extras e apoio especializado. Além disso, explora os obstáculos enfrentados por professores e gestores, como a falta de capacitação e de ferramentas adequadas, para desenvolver as práticas no dia a dia com crianças com Dislexia. Ao abordar essas questões, o estudo contribui para uma compreensão mais profunda das Leis de inclusão e, sugere medidas para melhorar o apoio, e a eficácia da educação inclusiva para alunos disléxicos, promovendo uma experiência escolar mais justa e acessível. Destaca, a importância de políticas, que realmente tornem a inclusão efetiva e sugere soluções práticas, como treinamentos regulares para os educadores, investimento em recursos de apoio, e a criação de um ambiente escolar, mais acolhedor e flexível. Ao abordar essas questões, o estudo contribui para a conscientização sobre a dislexia como um transtorno que exige ajustes específicos e contínuos, ressaltando que uma educação inclusiva e adaptada, que beneficia não só os alunos disléxicos, mas toda família escolar, promovendo um ambiente, mais equilibrado para todos.

Palavras chaves: Leis. Dislexia. Inclusão. Sociedade.

ABSTRACT

This article examines the legal aspects and practical challenges involved in the inclusion of dyslexic students in the school environment. Inclusive education legislation seeks to guarantee the right to learning for all, including specific accommodations for students with dyslexia. However, the implementation of these adaptations faces barriers, such as the lack of specific training for teachers and the

²⁴**Graduação:** Licenciatura em História, UFAM/ Universidade Federal do Amazonas. **Especialização:** Docência do ensino superior / Candido Mendes. Gestão escolar, UEA /Universidade Estadual do Amazonas. Tutoria escolar, UFAM/ Universidade Federal do Amazonas. ABA /academia do Autismo. Tecnologia educacional, UEA / Universidade do Estado do Amazonas **Mestrado:** Ciências da Educação, UNIDA/ Universidad de la Integracion de Las Americas. campos.palmeira@gmail.com.

absence of special activities and support for schools. It analyzes national and international laws and guidelines that support the care of students with dyslexia, highlighting the need for differentiated methods, such as adapted tests, overtime and specialized support. In addition, it explores the obstacles faced by teachers and managers, such as the lack of training and adequate tools to develop day-to-day practices with children with dyslexia. By addressing these questions, the study contributes to a deeper understanding of inclusion practices and suggests measures to address suggests measures to improve the support and effectiveness of inclusive education for dyslexic learners, promoting a fairer and more accessible school experience. It highlights the importance of policies that truly make inclusion effective and suggests practical solutions, such as regular training for educators, investment in support resources, and the creation of a more welcoming and flexible school environment. By addressing these issues, the study contributes to raising awareness about dyslexia as a disorder that requires specific and continuous adjustments, emphasizing that an inclusive and adapted education benefits not only dyslexic students, but the entire school community, promoting a fairer and more equitable environment for all.

Keywords: Laws. Dyslexia. Inclusion. Society.

1. INTRODUÇÃO

A integração dos alunos com Dislexia e, outros transtornos de aprendizagem, é uma necessidade urgente para promover uma educação verdadeiramente e humanizada, onde todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, tenham a chance de se desenvolver plenamente. Esses transtornos, como a Dislexia e o TDAH, trazem desafios únicos para o ambiente escolar, exigindo adaptações que vão além do ensino convencional, para que, cada aluno possa acessar o conteúdo, de forma adequada ao seu ritmo e às suas habilidades.

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI), se destaca, como um marco nesse cenário ao assegurar, legalmente, o direito de todos os estudantes, a um acompanhamento educacional integral e personalizado, promovendo a criação de um espaço social e acolhedor.

Possui um distanciamento, entre o que preconiza a Lei e, o que é realizado no ambiente escolar, o que acentua as dificuldades enfrentadas por essas crianças, tornando a atuação da escola e de seus profissionais, um ponto crítico de discussão, e desenvolvimento de práticas inclusivas.

Para tanto, o presente trabalho, objetiva analisar esse principais desafios e barreiras, enfrentados por alunos com TDAH, Dislexia, verificando como é trabalhado as Leis conforme as estratégias efetivas de identificação e intervenção. A partir de uma abordagem qualitativa, o estudo busca também explorar, o papel fundamental, que a escola desempenha na capacitação e conscientização dos docentes, para o reconhecimento inicial desses transtornos.

Para embasar essa análise, será utilizada uma revisão de literatura, que inclui autores renomados na área da educação. Como Barbosa, Dallari (2018), e Julian Savulescu (2015), bem como, estudo documentos legais e orientações dos manuais, cuja recomendação, é para que, o diagnóstico definitivo, seja dado apenas após um período de intervenção pedagógica, compondo assim, um quadro teórico de referência, sobre o tema da inclusão. Por isso, essa revisão de estudos, explorará esses fundamentos da legislação de inclusão, as orientações diagnósticas para transtornos de aprendizagem.

Essa base teórica, será observada de forma crítica, apresentando pontos de concordância e divergência, entre as práticas pedagógicas implementadas, e como estão sendo estabelecidas na legislação. Em seguida, serão analisadas práticas de capacitação de professores e adaptações curriculares, para atender aos alunos com transtornos de aprendizagem, com destaque para o papel do professor, na identificação e o valor do trabalho inicial com observações criteriosos, que, de acordo com a literatura, podem evitar a rotulação indevida e contribuir para intervenções mais corretas.

O desenvolvimento do trabalho, está organizado em três partes principais. Na primeira, discutiremos a importância da legislação inclusiva, como instrumento de garantia de direitos para alunos, com transtornos de aprendizagem e o impacto

da LBI, nas práticas escolares. A segunda parte, abordará os aspectos práticos, e comunidade escolar envolvida na ação dos alunos com TDAH, Dislexia e demais transtornos, detalhando o papel do professor e a necessidade de formação contínua.

A terceira e última parte, das adaptações curriculares, enfatizando que elas devem ser vistas não como uma facilidade, mas como um ajuste essencial para possibilitar um aprendizado em igualdade de condições. Nessa seção, buscaremos discutir também os mitos e dificuldades em torno das adaptações, especialmente o argumento, de que, estas podem prejudicar o aluno em avaliações futuras, como o vestibular.

Espera-se, com esta análise, esclarecer como a escola pode contribuir de forma efetiva, defendendo que práticas inclusivas, quando bem implementadas, não apenas garantem os direitos dos alunos, mas contribuem significativamente, para a sua autonomia e desenvolvimento pleno. A necessidade de uma educação, verdadeiramente inclusiva e a importância do diálogo contínuo, entre pais, escola e profissionais da saúde, para assegurar o cumprimento dos direitos e, mais do que isso, o respeito e a valorização de cada indivíduo em seu processo único de aprendizagem.

2. AS LEIS E A INCLUSÃO

Por ter sido um marco, a Lei 14.254/2021, é importante para o atendimento e inclusão escolar de estudantes com Dislexia, TDAH, e outros transtornos específicos de aprendizagem. Traz um destaque, a necessidade de oferecer auxílio, e atenção integral a esses alunos, tanto na educação básica quanto no apoio clínico especializado, abrangendo também a rede pública e privada. A importância desta legislação, está no reconhecimento dos desafios enfrentados por esses estudantes e seus familiares, além da responsabilidade compartilhada entre escola, saúde e, comunidade para assegurar o desenvolvimento pleno de cada criança.

A inclusão de alunos com dislexia nas escolas representa um desafio significativo, exigindo adaptações no ambiente de ensino e uma abordagem sensível para apoiar o desenvolvimento dessas crianças. Afetando, a capacidade de leitura e escrita e, muitas vezes, vem acompanhada de outras dificuldades cognitivas, que impactam a aprendizagem, como a atenção e a organização. Conforme Martins e Magalhães, (2006), indica que:

[...] A formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades específicas é essencial para promover práticas pedagógicas que respeitem as particularidades de cada estudante e permitam um aprendizado significativo para todos, trabalhando o de forma integral e estimulando suas as capacidades (MARTINS E MAGALHÃES, 2006, p. 45)

Por isso, os alunos quando enfrentam a dificuldade das suas capacidades não acompanham os estudos, tendo um sofrimento emocional, ou seja, o desempenho na escrita e leitura, acaba prejudicando não somente o estudo, mas a convivência na escola. Caminhando para um desenvolvimento prejudicado.

Com isso, existe a necessidade de uma formação, que auxilie e os professores, nesse contexto social, onde mostrando recursos, possam adaptar e criar uma aprendizagem sem limitações. Para tanto, é necessário que esses profissionais consigam estudar e treinar, recursos que seja essencial na prática do dia a dia com alunos disléxicos.

Conforme apontam, Martins e Magalhães Junior (2006, p. 49), “a capacitação docente é essencial, para que, os professores compreendam as dificuldades dos alunos disléxicos, e sejam capazes de implementar intervenções, que realmente favoreçam o aprendizado”. É necessário, que o corpo docente seja treinado, para identificar os sinais de dislexia, de modo que, os alunos possam receber ajuda precoce e contínua.

Shaywitz, (2003, p. 120), indica que, “a inclusão de alunos disléxicos exige uma colaboração contínua entre professores e famílias, para garantir, que as adaptações realizadas na escola e, também sejam apoiadas em casa, fortalecendo o aprendizado e o bem-estar do aluno”. Dessa forma, outro aspecto crucial, é a adequação do material didático e das atividades pedagógicas. Alunos disléxicos,

geralmente se beneficiam de materiais de ensino diferenciados, como textos com maior espaçamento, fontes especiais, e o uso de cores para facilitar a leitura.

Por isso, o trabalho com estímulos, precisam de recursos, que seja utilizado os sons, ao praticarem seus estudos, consigam ter materiais próprios, com uma clareza, permitindo que os profissionais ajustem os métodos de ensino. Fazendo com que, esses recursos sejam necessários nas atividades, tendo qualidade e, motivando-nos práticas solicitadas.

Vellutino *et al.* (2004, p. 54) explica que, " A inclusão de alunos com dislexia demanda práticas pedagógicas, que envolvam estímulos visuais e auditivos, permitindo, que o ensino seja mais prático e fácil". Por isso, no dia a dia, as práticas de inclusão exigem um acompanhamento próximo e individualizado. Os alunos com dislexia, podem ter um ritmo de aprendizado mais lento e, portanto, se beneficiar de atividades específicas, que atendam às suas necessidades.

Entretanto, exige um planejamento cuidadoso e, muitas vezes, um reforço fora do horário de aula. Em um ambiente escolar tradicional, com turmas grandes e professores sobrecarregados, pode ser difícil oferecer esse suporte adicional. Portanto, muitos pais e especialistas, recomendam a necessidade que as diretrizes perante as Leis, sejam mais amplas, para que tenham, uma abordagem que inclua o uso a todos, para que o aluno consiga ter uma atenção mais individualizada.

Segundo Singleton (2008), indica que:

[...] É essencial ter um plano que além vai da escola. O apoio, emocional e a atenção individualizada, como o trabalho com tutores, podem fazer toda a diferença. Quando pais e professores, se unem para entender as dificuldades e celebrar as pequenas vitórias, os alunos se sentem mais motivados a enfrentar seus desafios. Além disso, a tecnologia pode ser uma grande ajuda, oferecendo ferramentas que facilitam a leitura e a escrita, tornando o aprendizado mais leve e completo. (SINGLETON, 2008, p. 110)

Sendo assim, na constituição de 1988, e leis educacionais, a necessidade de criar um auxílio maior, faz com que cresça a reconstrução da aprendizagem, trabalhando com mais leveza e avançando nas inovações dos estudos dos alunos

envolvidos. Devemos acompanhar estas mudanças, para melhorar e compreendermos às práticas educacionais e sociais.

2.1 Auxílio e colaboração nas diretrizes da escola

O trabalho com integração na vida em sociedade, cria condições adequadas, para os que não revelam as dificuldades para ter acesso aos ganhos dos programas sociais, disponíveis para o nível do ensino regular. Com isso, o desenvolvimento das tecnologias, trazem uma abertura para auxiliar no dia a dia escolar, ou seja, precisa ter meios, para ao invés de buscarmos somente fatores biológicos para compreendermos a dificuldade, temos que buscar e pensar na história e a vida social dessa pessoa.

Segundo Hulme (2012, p. 105), indica que “o uso de tecnológico, tem se mostrado uma alternativa promissora para enfrentar os desafios práticos da inclusão de alunos disléxicos”. Com isso, as ferramentas como aplicativos de leitura; software de reconhecimento de voz; e programas de treino para ouvirem, oferecem ajuda e tornam o aprendizado mais simples.

Johnson, (2015, p. 97), explica que, “A educação que inclui, requer um entendimento profundo das necessidades específicas dos alunos, proporcionando um ambiente que respeite e valorize as diferentes formas de aprender”. Permitem assim, que os alunos trabalhem de maneira mais independente e personalizada, adequando-se às suas necessidades individuais. No entanto, a implementação dessas ferramentas requer investimentos em equipamentos e treinamento de professores, o que nem sempre é viável em todas as escolas.

Explica Ferreira (2017, p. 34), sobre formação, “para além das iniciativas de suprimento das necessidades apresentadas pelos professores, as iniciativas de formação continuada devem tomar forma de atualização e aperfeiçoamento em prol do avanço dos conhecimentos na sua área, e de

inovações”. Contudo, essa inclusão de alunos disléxicos ainda enfrenta muitas barreiras, tanto estruturais quanto culturais. É necessário, que o sistema educacional adote uma abordagem mais inclusiva, que reconheça as diferenças de aprendizado e ofereça suporte individualizado aos alunos.

Para que ocorra, um trabalho mais amplo, é necessária desenvolver as atividades (pelo professor), que tenha clareza e domínio delas. É possível entender, quão grande a necessidade de incluir, e principalmente de se trabalhar esse tema dentro e fora da escola, é de grande valia o convívio e a interação social.

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI), instituída pela Lei de 2015, reforça o compromisso de promover a inclusão e o desenvolvimento integral de estudantes com necessidades específicas. Segundo a LBI, é responsabilidade do poder público oferecer programas de apoio que facilitem o aprendizado desses educandos, garantindo o atendimento de suas necessidades dentro e fora do ambiente escolar. Esse acompanhamento integral, que envolve desde adaptações no currículo até o suporte especializado de profissionais da saúde, é essencial para a construção de um ambiente realmente inclusivo e acessível para todos.

Esse modelo de acompanhamento integral possibilita que a escola, a saúde e a família trabalhem em rede, assegurando que cada estudante tenha suporte para superar desafios específicos.

Como explica Savulescu (2015), que:

[...] O acompanhamento completo permite que a escola, a saúde e a família trabalhem juntos, garantindo que cada aluno supere as dificuldades. Para estudantes com transtornos de aprendizagem, isso significa utilizar de meio tecnológicos, tendo a colaboração entre profissionais, mostrando que os direitos são para todos, indo além do ambiente escolar (SAVULESCU 2015, p. 36).

Entretanto, para alunos com transtornos de aprendizagem, por exemplo, essas ações diferenciadas, podem agir o desenvolvimento das forma, em que é utilizado ensino, como o uso de tecnologias, fazendo intervenções iniciais, seja no apoio psicológico, ou pedagógico. Além disso, a integração entre profissionais, é

necessária, para os estudantes e, para os professores e as famílias, que podem compartilhar suas experiências, recebendo m apoio mais individual.

Trazendo para a Lei, denota que, à escola a responsabilidade de garantir o acompanhamento específico aos alunos com transtornos de aprendizagem, enfatizando que a omissão não é uma opção. Todos os alunos, independentemente de diagnóstico, têm o direito a um atendimento inclusivo, o que requer que a escola, junto com a família e os serviços de saúde, construa uma rede de apoio voltada para o desenvolvimento integral e, social do aluno. Essa rede, busca ir além do ambiente escolar, complementando o aprendizado com atividades que ampliem o desenvolvimento do aluno, como terapias e atividades extracurriculares.

Os transtornos de aprendizagem, não estão necessariamente ligado a uma dificuldade, porém aos avanços na estudo de incluir, mas podemos notar a grande julgamento de pessoas com dificuldade, no meio onde vivem e, no meio escolar, onde hoje é um grande barreira, para serquebrada.

Nesse sentido, Pianta e Hamre (2009, p.22) destacam que, “a importância da criação de ambientes de aprendizagem inclusivos e sensíveis às necessidades individuais, promovendo práticas pedagógicas adaptativas que facilitem a compreensão e o engajamento”. Pois, existe a alguns transtornos, como a psicose, o déficit intelectual e o autismo, não estão associados à dislexia, mas crianças com autismo, por exemplo, podem ter dificuldades de aprendizagem em leitura, mesmo que isso não seja classificado como dislexia propriamente dita. Estudos sugerem que crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) têm até três a quatro vezes mais chances de apresentar dislexia associada.

Para facilitar a identificação precoce, o Ministério da Educação desenvolveu uma lista de sinais observáveis que auxiliam no diagnóstico. Essa abordagem já é usada em alguns países europeus, onde identificaram que, ao observar esses sinais, a chance de uma criança vir a apresentar dislexia aumenta

para cerca de 80% a 90%. Por isso, é importante começar a intervenção cedo, sem esperar a idade escolar.

O trabalho, entre escolas e profissionais de saúde é fundamental para apoiar o desenvolvimento das crianças, especialmente aquelas com transtornos de aprendizagem. A lei que prevê essa colaboração é um avanço, pois facilita a criação de um ambiente em que cada estudante recebe o suporte necessário para desenvolver suas habilidades, tanto cognitivas quanto emocionais, sem se sentir rotulado ou excluído. Como

Apontam Antunes e Reinaldo (2020, p. 19), relata que, “esse trabalho conjunto permite que professores e profissionais de saúde unam forças para entender e respeitar as particularidades de cada transtorno, o que reduz os impactos na vida escolar e familiar”. Assim, é recomendado que esses profissionais, estejam capacitados para reconhecer esses sinais e encaminhar para intervenções adequadas, pois intervenções precoces podem fazer uma grande diferença no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

2.2 As Leis e Práticas adequadas para aluno com Transtorno na aprendizagem

Segundo dados e práticas baseadas em evidências internacionais, como as orientações do Ministério da Educação na Europa, identificar essas dificuldades cedo pode aumentar as chances de uma intervenção eficaz, reduzindo o impacto da dislexia no rendimento escolar futuro.

Conforme Snowling, (2000, p. 118) explica que, “quanto ao quarto ponto, trata-se de acolher estratégias e metas dos profissionais da saúde dentro da escola, estabelecendo uma parceria entre as áreas de educação e saúde”. Isso é essencial, para criar um verdadeiro "time" em torno do aluno. Por exemplo, quando uma criança passa por reabilitação neuropsicológica, um dos objetivos é desenvolver uma função executiva específica. Para que o progresso seja contínuo, a escola precisa estar alinhada sobre o que está sendo trabalhado no consultório e aplicar metas que reforcem esses avanços de maneira multidisciplinar.

Esse suporte, conjunto é algo que já era importante, mas agora é previsto em lei. As necessidades específicas de desenvolvimento dos alunos devem ser atendidas pelos profissionais da escola, em colaboração com os profissionais da saúde. Isso significa que o que é trabalhado no consultório precisa, muitas vezes, ser expandido para o ambiente escolar, pois a escola é um excelente espaço para estimular diversas áreas do desenvolvimento infantil.

O apoio compartilhado é poderoso, pois o tempo de cada profissional, seja na educação ou na saúde, é limitado, essa parceria amplia as oportunidades para o aluno aprender e crescer tanto dentro como fora do consultório. Por outro lado, o texto legal não especifica detalhadamente os recursos a serem utilizados nas escolas, abrindo espaço para a implementação de metodologias adaptativas com flexibilidade.

Segundo Mendes (2015, p. 91), permite que “educadores se capacitem para lidar com esses desafios, colaborando diretamente com os profissionais de saúde para criar uma rede de apoio ampla e integrada”. Este esforço conjunto entre a escola e o ambiente clínico reflete a necessidade de um olhar mais abrangente sobre a inclusão, garantindo que cada aluno possa acessar o currículo de forma justa e eficaz, além de promover a conscientização social sobre a importância da diversidade cognitiva e o papel fundamental da educação inclusiva.

O ambiente escolar, deve ser um espaço de acolhimento e promoção do aprendizado para todos os alunos, inclusive para aqueles com Transtorno. Estes alunos possuem características neurodesenvolvimentos que impactam diretamente sua relação com o ensino, demandando intervenções específicas para garantir seu pleno desenvolvimento.

Como indica a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), cabe ao poder público desenvolver e manter programas de acompanhamento integral para educandos que apresentam tais transtornos, de forma a promover um ambiente realmente inclusivo e acessível (BRASIL, 2015).

De acordo com Barbosa e Dallari (2018, p. 92), “os profissionais estão em uma posição privilegiada, para observar e comparar e, assim, identificar barreiras que requerem adaptação curricular”. Essa intervenção precoce não apenas garante direitos, mas também evita que dificuldades pontuais se transformem em grandes obstáculos ao longo da vida escolar, como

Destaca Savulescu (2015), que:

[...] É fundamental que o diagnóstico de transtornos de aprendizagem siga uma metodologia cuidadosa e respaldada, evitando diagnósticos apressados que, muitas vezes, mascaram dificuldades de aprendizagem que não são de origem orgânica. Como recomenda o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), um diagnóstico definitivo de transtorno de aprendizagem deve ser feito após, no mínimo, seis meses de intervenção pedagógica especializada, a fim de observar se as dificuldades persistem mesmo após estímulos direcionados (SAVULESCU, 2013, p. 44).

Além disso, uma vez identificada a necessidade de apoio, a escola é responsável por implementar adaptações curriculares de acordo com as recomendações dos especialistas que acompanham o aluno, como previsto pela legislação educacional.

Conforme pontuam Santos e Gomes (2015, p. 103), indicam que, “a adaptação curricular não visa facilitar a vida do aluno, mas proporcionar-lhe um contexto de aprendizagem adequado às suas especificidades”. Ou seja, essas adaptações são essenciais para que o aluno não tenha seu desenvolvimento prejudicado pela falta de apoio pedagógico, que pode acarretar consequências emocionais e de autoestima.

Embora algumas instituições de ensino argumentem que tais adaptações prejudicam a preparação dos alunos para avaliações futuras, como vestibulares, essa visão desconsidera que as normas inclusivas se aplicam igualmente nesses contextos. A inclusão não visa proteger o aluno da realidade, mas prepará-lo para ela de maneira justa, considerando as barreiras que enfrenta. Negar esses ajustes sob a justificativa de um futuro vestibular.

Conforme argumenta Oliveira (2019, p. 29), indica que, “é negligenciar o papel social da escola em promover um desenvolvimento pleno e respeitoso, que inclua o direito à educação adaptada às necessidades de cada um.

Mello e Ferreira (2018, p. 80) ressaltam que, “a criação de regras, para a inclusão de alunos com dislexia e outros transtornos de aprendizagem representa um progresso importante para a educação no Brasil”. Essas ações, indicam que a escola deve seguir, às necessidades dos alunos, favorecendo uma educação mais inclusiva e respeitosa. Com essa mudança, o sistema educacional passa a reconhecer que cada estudante tem um ritmo e um modo de aprender, o que exige abordagens diferenciadas e suporte individualizado.

Essa adaptação vai além de uma simples mudança no conteúdo didático: trata-se de criar um ambiente em que os alunos se sintam acolhidos e motivados a superar suas dificuldades, sem serem estigmatizados. Isso, também beneficia o próprio ambiente escolar, promovendo uma cultura de respeito às diferenças e contribuindo para que a inclusão se torne um valor compartilhado entre educadores, colegas e toda a comunidade escolar.

Dessa forma, as diretrizes servem como uma ferramenta para que todos os profissionais da educação compreendam seu papel no desenvolvimento integral desses alunos, construindo uma sociedade mais empática e igualitária desde as bases educacionais.

As solicitações, funcionam como um guia para que todos os profissionais da educação compreendam a importância de seu papel na vida dos alunos. Quando as escolas implementam essas práticas, não apenas promovem o desenvolvimento integral de cada estudante, mas também constroem uma sociedade mais empática e igualitária desde as bases educacionais.

Gomes (2015), atenua sobre Legislação que:

[...] A educação é um direito de todos e deve ser acessível a todos, independentemente de suas diferenças. Promover um ambiente escolar

que respeite e valorize a diversidade é essencial para formar cidadãos mais justos e conscientes. Isso significa que, ao cuidar das necessidades de todos, estamos formando cidadãos mais conscientes e respeitosos em relação às diferenças, fundamental para um futuro mais inclusivo. A educação é um direito fundamental que, segundo a Constituição Brasileira, deve ser garantido sem discriminações (GOMES, 2015, p. 127).

Assim, a luta pela inclusão de alunos com transtornos de aprendizagem não é uma escolha, mas uma obrigação ética e legal que cabe a todos os envolvidos no ambiente escolar. Ao buscar o comprometimento que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades ou diferenças, tenham acesso à educação de qualidade.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, estabelece que a educação é um direito de todos e deve ser promovida com base na igualdade de oportunidades. Isso significa, que as escolas têm a responsabilidade de criar ambientes inclusivos que atendam às necessidades de todos os estudantes, especialmente aqueles com transtornos de aprendizagem, como a Dislexia.

O (ECA), por sua vez, reforça essa ideia ao garantir o direito à educação sem discriminação. A (LDB), também aborda a importância da inclusão, determinando que a educação deve ser oferecida em todos os níveis e modalidades, respeitando as diferenças individuais. Dessa forma, as escolas precisam implementar políticas e práticas que garantam que todos os alunos tenham acesso a métodos de ensino adaptados, promovendo a aprendizagem de forma equitativa.

Portanto, a legislação brasileira prevê que alunos com transtornos de aprendizagem, como a dislexia, têm direito a condições especiais que promovam seu desenvolvimento educacional. O Decreto-Lei nº 3/2008 é um marco nesse aspecto, pois garante adaptações que atendam às necessidades desses alunos no processo educativo, incluindo avaliações adaptadas, tempo extra para provas, e o uso de recursos auxiliares. Essas medidas são fundamentais para assegurar que esses estudantes possam alcançar seu potencial acadêmico em igualdade de condições com seus pares.

Conforme essas leis, a colaboração entre escola, família e profissionais da saúde é crucial para o sucesso da inclusão. Quando esses três pilares trabalham juntos, é possível identificar as dificuldades dos alunos e desenvolver estratégias. Essa parceria ajuda a criar um ambiente de apoio e compreensão, onde os estudantes se sentem valorizados e motivados a aprender. A comunicação aberta e constante entre pais e professores é essencial para garantir que as intervenções realizadas na escola sejam reforçadas em casa, criando uma continuidade no processo de aprendizado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo mostra o progresso de alunos com dislexia, trazendo a inclusão de alunos disléxicos no ambiente escolar é uma questão de extrema relevância, que envolve não apenas aspectos legais, mas também desafios práticos que precisam ser superados. As leis e diretrizes que sustentam a educação inclusiva, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Lei 14.254/2021, estabelecem um marco fundamental, para garantir o direito à educação, para todos.

Essas legislações reconhecem a importância de adaptar as práticas educacionais para atender às necessidades específicas desses alunos, promovendo um ambiente onde cada criança possa desenvolver seu potencial plenamente. outro obstáculo importante é a escassez de recursos e apoio especializado nas escolas. Muitas instituições de ensino carecem de materiais didáticos adaptados, tecnologias assistivas e suporte psicológico, o que compromete a qualidade do atendimento educacional.

A implementação de adaptações como provas diferenciadas, tempos adicionais para atividades e o uso de métodos de ensino variados são essenciais para atender às necessidades de alunos disléxicos. No entanto, sem um investimento de uma estrutura e recursos, essas práticas permanecem apenas no papel.

Portanto, é necessário ter conhecimento e segurança, de todas as partes, para quando recebem alunos com alguma dificuldade, auxiliem e consigam resolver atividades mais complicadas e proporcionar, reflexão frente à proposta de social, sendo este mais um instrumento, que poderá vir a fazer a diferença amanhã, como também alertar, as pessoas direta e indiretamente envolvidas.

A inclusão é um processo dinâmico que requer compromisso e esforço coletivo, e, ao implementá-la de forma eficaz, beneficiamos não apenas os alunos disléxicos, mas toda a comunidade escolar, criando um espaço de aprendizado mais rico e diversificado para todos.

Além do conhecimento técnico, a formação de professores deve incluir um aspecto de sensibilização, para que eles compreendam o impacto emocional que a dislexia pode ter nos alunos. Crianças e adolescentes com dislexia, muitas vezes, enfrentam frustrações e podem se sentir desmotivados devido às dificuldades constantes. Com uma formação adequada, os professores podem desenvolver um olhar mais atento e acolhedor, oferecendo um ambiente de apoio e incentivando esses alunos a persistirem nos estudos.

Ao construir uma rede de suporte dentro da escola, composta por professores capacitados e cientes das leis de inclusão, a instituição educacional cumprirá, seu papel de maneira mais completa e assegurando que todos os alunos, incluindo os que possuem dislexia, tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver em um ambiente respeitoso e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ana; REINALDO, Fernanda. **Educação inclusiva e apoio pedagógico**. São Paulo: Editora Educacional, 2020. p. 19.

BARBOSA, Beatriz; DALLARI, Suely Gomes. **Formação docente e inclusão**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2018.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão. Brasília**, DF: Planalto, 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L13.146.htm>. Acesso em: 2 nov. 2024.

FERREIRA, Marcia. **Formação docente continuada e inovações pedagógicas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017. p. 34.

GOMES, Carlos Alberto. **Legislação e inclusão escolar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HULME, Charles. **Tecnologia e inclusão: estratégias para alunos disléxicos**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 105.

JOHNSON, Mark. **Educação inclusiva: práticas e estratégias**. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2015. p. 97.

MARTINS, Márcia Araújo; MAGALHÃES JUNIOR, Carlos Eduardo. **Inclusão e formação de professores para alunos com necessidades específicas**. 1. ed. Brasília: Educacional, 2006. p. 45-49.

MELLO, Mariana; FERREIRA, José. **Inclusão: desafios e práticas**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

MENDEZ, Alana. **Intervenções pedagógicas em dislexia**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

OLIVEIRA, Renata. **Inclusão e educação: práticas eficazes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

PIANTA, Robert C.; HAMRE, Bridget K. **A criação de ambientes de aprendizagem inclusivos**. 1. ed. São Paulo: Educacional, 2009. p. 22.

SAVULESCU, Julian. **Bioética e inclusão educacional**. 1. ed. São Paulo: Senac, 2015. p. 36.

SHAYWITZ, Sally. **Inclusão de alunos disléxicos e colaboração familiar**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 120.

SINGLETON, Chris. **Suporte educacional e emocional para alunos com dislexia**. 1. ed. São Paulo: Artmed, 2008. p. 110.

VELLUTINO, Frank R.; FLETCHER, Jack M.; SNOWLING, Margaret J.; SCANLON, Donna M. **Práticas pedagógicas e estímulos para inclusão**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 54.

SANTOS, Raquel; GOMES, Anderson. **Educação inclusiva: desafios e possibilidades**. 1. ed. São Paulo: Papirus, 2015.